

REMINISCÊNCIA

Reativação da Ruína
Machina São Paulo
em Limeira-SP

Anne da Paz Pisano

PRESIDENTE PRUDENTE - SP JANEIRO/2018

REMINISCÊNCIA

REATIVAÇÃO DA RUÍNA MACHINA
SÃO PAULO EM LIMEIRA-SP

Anne da Paz Pisano
Orientação: Prof. Dr. Hélio Hirao

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
ARQUITETURA E URBANISMO
FCT UNESP



R e m i n i s c ê n c i a

Recordação do passado, quase apagada. Resíduo ou parte fragmentada de uma cidade em constante mudança. Materialidade que se encontra perdida nesse espaço urbano, desgastada pelo tempo.

Agradeço a concretização desse trabalho primeiramente aos meus pais, Ana Paula e Lisandro, pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida, se hoje estou completando a graduação é pelo esforço de vocês em concederem a oportunidade de me dedicar integralmente aos estudos.

Ao Glauco, pelo carinho, paciência e apoio em meus objetivos'. Meus avós, tios, primos, amigos de Limeira e São Paulo pelo reconhecimento, apesar de minha ausência.

Aos amigos que se tornaram uma família, Camilla Vila, Beatriz Costa e Vinícius Silva, apoiando um ao outro desde os primeiros dias da graduação.

À turma XI de Arquitetura e Urbanismo, por ser uma equipe em todos os momentos.

A Professora Paula Vermeersch e José Roberto Fernandes Castilho pelo aprendizado durante pesquisa e extensão.

Ao meu orientador Hélio, pela oportunidade de realizar esse trabalho com um profissional admirável.

À todos professores e funcionários da FCT UNESP, pela dedicação à instituição.

Apresentação

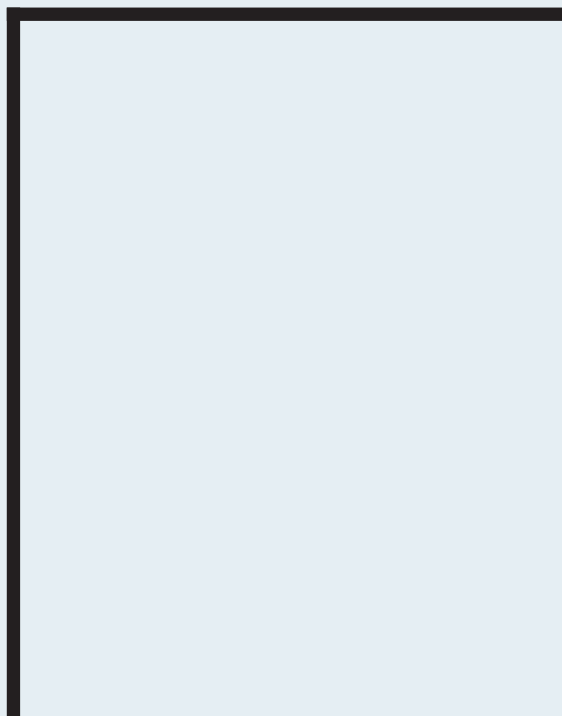
Em uma situação de implantação privilegiada na cidade de Limeira-SP, a área delimitada para este estudo consiste na ruína da antiga fábrica Máquina São Paulo, em situação de abandono e descaso. A cidade do interior paulista tem sua história muito semelhante aos demais municípios que tiveram origem durante o ciclo da cana de açúcar e seu crescimento urbano resultou no ápice da economia cafeeira, trazendo a urbanização a ferrovia e a industrialização. Com a mudança da dinâmica econômica da cidade, essas áreas próximas às ferrovias e seus respectivos edifícios passam a ser sub utilizados, tornando-os fragilizados em meio a cidade contemporânea.

A ruína está como telespectadora das mudanças de Limeira, e o estudo sobre a mesma não pode ser pautada apenas no seu passado para planejar o futuro, há intervenções contínuas marcantes em sua área. O relevo que esconde à linha férrea também priva a visão sobre as pessoas presentes no lugar, apelidado de Pico do Trem, os jovens decidiram intervir na área abandonada pelo poder municipal.

Dentre essa temática, os textos e análises buscam a reflexão entre como o projeto arquitetônico pode ser realizado sem ser impositivo, entendendo a escala micro, sobre as pessoas e os usos inesperados.

SUMÁRIO

1. CIDADE , INDÚSTRIA E MUDANÇA	_10
2. TEMAS E DISCUSSÕES	_24
3. PERCEPÇÕES	_ 40
4. REFERÊNCIAS PROJETUAIS	_63
5. ENSAIOS PROJETUAIS	_70
6. CONCLUSÕES	_89
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	_90



1 . C I D A D E , I N D Ú S T R I A E M U D A N Ç A

1.1. Expansão Urbana de Limeira-SP

A consolidação de Limeira como uma cidade urbana ocorreu de forma semelhante a outros casos de cidades paulistas, decorrentes do sucesso econômico do cultivo de café e a construção da ferrovia, meio de transporte usado para o escoamento da manufatura e deslocamentos de pessoas, ativo em Limeira até os dias atuais restrita aos trens de cargas. O levantamento histórico da cidade feito por BUSCH (1967), apresenta a origem da cidade por volta do século XIX como uma parada no caminho dos Bandeirantes, com o primeiro nome de Rancho do Morro Azul, atualmente a cidade está presente em um grande eixo rodoviário que percorre desde o litoral, passando pela cidade de São Paulo em seguindo em direção ao centro-leste paulista. Sua

relação com a infraestrutura logística é pertinente até os dias de hoje, em que grandes rodovias como a Anhanguera e a Bandeirantes, somadas a sua distância de apenas 148 km de

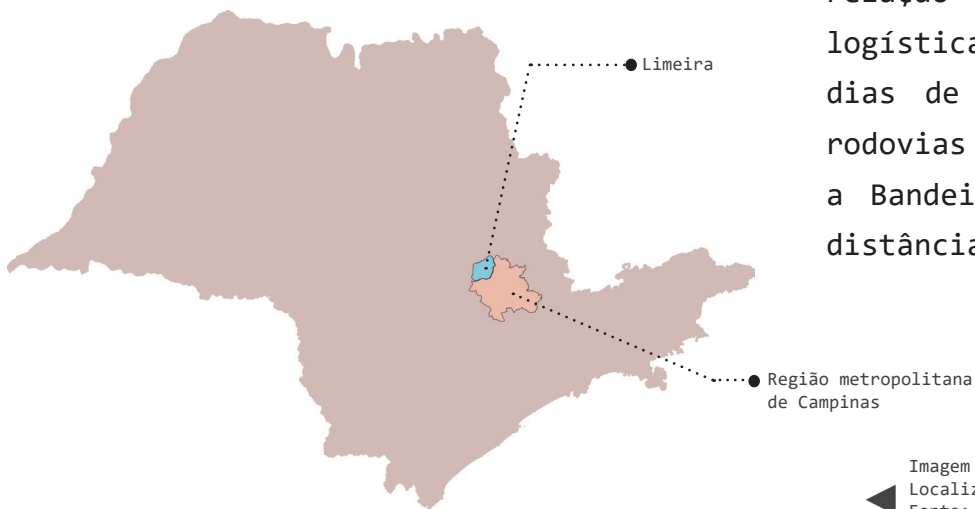


Imagem 1

Localização de Limeira

Fonte: SP Turismo, modificado pela autora

São Paulo (imagem 01), manteve a influência do eixo comercial em seu mercado.

Apesar de sua origem ocorrer no século XIX, ainda no auge da produção de cana de açúcar e da consolidação da economia capitalista no Brasil no período chamado de Imperialismo, o crescimento da cidade e o aumento de produção arquitetônica ocorreu com o enriquecimento dos Barões do Café. Esse período econômico deixou marcas na urbanização, na arquitetura e no traçado urbano de Limeira, refletindo na forma urbana que temos hoje. O centro em quadriláteros, as localizações das primeiras indústrias relacionadas com a ferrovia, os casarões e, inclusive, o abandono dessas edificações. Muitos dos acervos arquitetônicos de Limeira são decorrentes desse período econômico, em que o Rancho Morro Azul, uma Vila, é consolidada como cidade. (imagem 2)

Segundo MANFREDINI (2009) a primeira instalação de um núcleo de comércio e residências ocorre em 1926, espaço condizente com o atual centro da cidade, histórico e comercial. Os primeiros palacetes são datados no século XIX, junto ao surgimento da cidade, ainda no auge da produção de cana de açúcar, e grandes construções públicas como igrejas e escolas passam a ser construídas com a consolidação da economia capitalista no Brasil. O crescimento da cidade e a dilatação de produtividade artística e arquitetônica ocorre com o enriquecimento dos Barões do café. As características arquitetônicas e urbanísticas foram decorrência da Belle Époque caipira da região noroeste do Estado de São Paulo

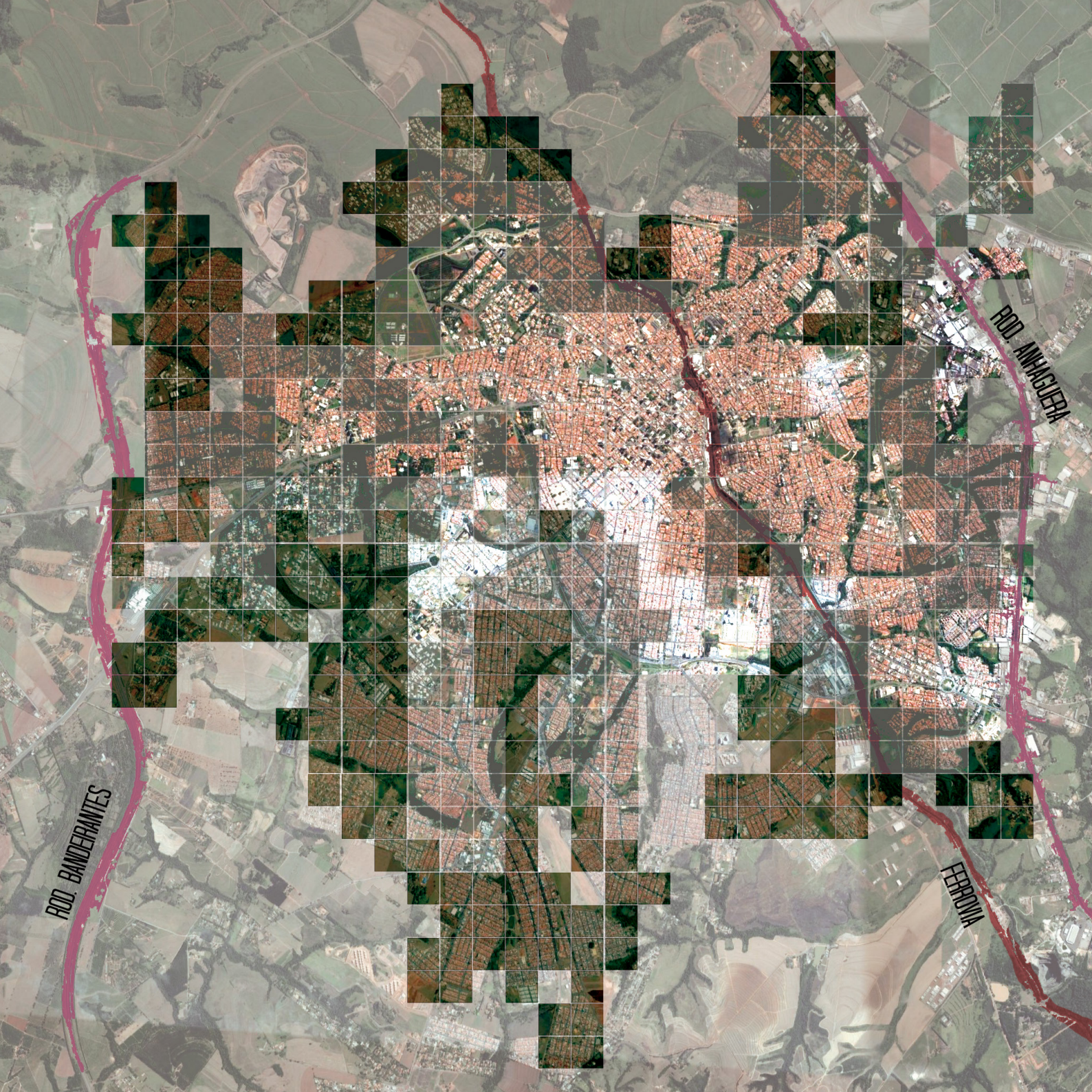
Imagem 2
Expansão Urbana
Fonte: Google
Earth, modificado
pela autora. Dados:
RIZARDI (2012)



ATE 1970

1971 - 1991

1991 - 2010



R.D. BANDERANTES

R.D. ANHAGUERA

FERROVIA

(NETO, DOIN, PAZIANI e PACANO, 2007).

Com a decadência da economia cafeeira, a cidade passou a buscar novas culturas agrícolas para circular a economia da cidade, dentre elas, houve o crescimento da produção de frutas, como a laranja, e também o processo de industrialização da cidade. Deste período, outros exemplares da arquitetura industrial todas desativadas, já que as indústrias atuais se mudaram para periferia de Limeira, próximas às alças de acessos das grandes rodovias.

Atualmente a cidade possui uma população de 276.022 habitantes segundo o IBGE, e sua economia gira em torno do cultivo de cana-de-açúcar e a produção de joias folheadas. Por ser uma das maiores cidades da mesorregião, atrai também o fluxo de pessoas de cidades menores pelos serviços, comércios e empregos, além de também possuir atrativos turísticos, devido

1.2. Indústria Machina São Paulo

à diversas fazendas históricas preservadas dos séculos XIX e XX.

O café passou a ser plantado na cidade em 1828 (ROSADA, 2008) e a partir da segunda metade do século XIX passou a ser o principal produto da conjuntura econômica do Brasil pela sua influência no setor exportador (BUESCU, 2011). Seu crescimento em relação ao produto de maior comercialização até então, a cana de açúcar, tornou necessário o uso de métodos provisórios para acelerar a produção do café, a fim de tornar mais lucrativa a comercialização do produto, com uma produção primária dentro das próprias fazendas, inicialmente com equipamentos importados.

Dessa forma, o grão foi o produto responsável pelo crescimento da economia de cidades como Limeira, influenciando não apenas no campo ou na economia, mas também na produção do espaço urbano, a arquitetura, a necessidade de implementar tecnologia, a formação da indústria nacional e a expansão logística de acordo com suas necessidades de escoamento do café, gerando o processo de industrialização em um ambiente agrário, e eclodindo o movimento de êxodo rural.

Com o auge da produção de café houve a necessidade de implementar a primeira indústria da cidade, a fábrica Machina São Paulo, (imagem 4 e 5) para a produção de descascadores e secadores de café, tanto para o mercado interno quanto para exportação. Sua fundação por Dr. Trajano Barros Camargo, herdeiro da elite cafeeira, posteriormente também inaugurou outras diversas indústrias pela região de Piracicaba (SCARIATO, 2010).

No início das atividades da Machina São Paulo, a ferrovia já estava em funcionamento, tornando ainda mais proveitosa a industrialização nesse setor. O município, agora urbano e industrial, passou a se desenvolver ainda mais com a abertura dessa fábrica, juntamente com a fundação da Chapéus Prada e as Empresas Levi (SCARIATO, 2010). A região envolta à limeira foi pioneira na evolução tecnológica e no uso das máquinas como atores da produção agrícola, estritamente ligada ao café (ROSADA, 2008), isso porque o café foi um dos produtos mais lucrativos na região, ampliando a necessidade de mão de obra.

O café expandiu sua produção ideológica, passando a afetar a economia, tecnologia, social, além da influência dos Barões do Café na construção arquitetônica, da produção do espaço urbano e na expansão logística de acordo com suas necessidades de escoamento da produção.

Esses investimentos para além da economia rural foi o divisor de águas para ocorrer o êxodo rural e desenvolver urbanisticamente a cidade, influenciando na característica atual da cidade de ser um polo econômico dentro da sua microrregião. Dentre as principais cidades de seu entorno, a dinâmica atual é consequência do tempo



▲ Imagem 4

Consturção da indústria Machina São Paulo
 Fonte: Acervo Fonte: Museu Histórico e
 Pedagógico Major José Levy Sobrinho [s.d.]

Imagem 5 ►

Indústria Machina São Paulo em funcionamento
 Fonte: Acervo Fonte: Museu Histórico e
 Pedagógico Major José Levy Sobrinho [s.d.]

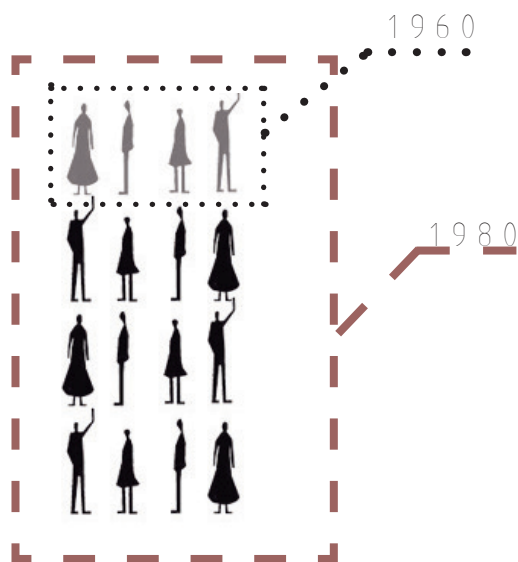


de industrialização, como o caso de Piracicaba, onde o esse processo ocorreu anos antes de Limeira (BUSCH, 1967).

Com o aumento da população urbana em Limeira, os complexos fabris não promoveram apenas mudanças no ramo tecnológico da indústria, as mudanças proporcionaram a chegada de outros serviços para atender o crescente processo de êxodo rural, dentre elas, a construção de escolas, no qual muitas delas estão ativas até hoje, como o Colégio Técnico que leva o nome de Trajano, a criação da Sociedade Operária Humanitária em que, apesar da descaracterização histórica do prédio, também

se mantém em funcionamento, e as Vilas Operárias (SCARIATO, 2010).

Em menos de meio século, com a Quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, juntamente com o contexto econômico nacional, a produção do café deixou de ser a principal fonte de geração de capital da cidade, e outras culturas agrárias foram priorizadas, como a laranja (BUSCH, 1967). Nessa época já não havia mercado para o produto feito pela fábrica Machina São Paulo, ocasionando a mudança de sua produção,



▲ Imagem 6
População Urbana estimada
Fonte: Anne da Paz Pisano
Dados: IBGE (2017)¹

¹ Disponível em : <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/limeira/panorama>> Acesso em 12 julho de 2017

desde a instalação de outras indústrias por diversos anos, até sua desativação.

O período de encerramento das atividades da Machina São Paulo café, na década de 1960, a cidade de Limeira possuía cerca de 45 mil habitantes, e posterior a isso, devido ao processo de êxodo rural e a consolidação do município como uma localidade urbana, o aumento populacional de expandiu acima de 200%, chegando à década de 1980 com uma população estimada de 140 mil habitantes (IBGE, 2014) (imagem 6), resultando no aumento da área urbana do município, fato diretamente ligado com a expansão da industrialização e ampliação da economia ligada aos serviços, que ampliaram a geração de emprego e tornaram atrativa a mudança do ambiente rural para o urbano. Entre 1916 e 1829 a indústria chegou a contratar dois mil funcionários .

A história desse processo de industrialização ocorreu em menos de 100 anos (imagem 7), parecendo recente por ainda ter pessoas com memórias de



seu funcionamento, mas é muito tempo em relação a data de fundação da cidade. A mudança do rural para urbano propiciou o crescimento da cidade, Limeira presenciou o auge do café, mas também o seu declínio. A mudança do escoamento de produção para as rodovias tornou inviável uma nova indústria se instalar na área, os usos do solo urbano não são realizados da mesma forma, as dinâmicas de trabalho e as relações estabelecidas entre as pessoas são mutáveis.

Ocorreu uma dualidade nas consequências do estado de conservação da fábrica, o mesmo motivo que levou sua construção a ser realizada em uma área dotada com logística favorecida e de fácil acesso à cidade no século XX, margeando a ferrovia, ocasionou sua degradação e o desinteresse em preservação da sua história. A memória do encerramento de atividade de qualquer indústria leva a demissão ou remanejamento de seus funcionários, é uma situação de instabilidade, interferindo na memória afetiva por parte da população.

Sua localização a torna vulnerável no ponto de vista do mercado, é um grande terreno no centro urbano, vizinho ao terminal urbano e rodoviário, circundada de vias importantes na circulação de veículos. Seu entorno imediato está passando por um processo de valorização, com a abertura de uma grande rede de supermercado e a concentração de serviços como escritórios e consultórios médicos.

Junto ao problema da valorização do seu terreno e a fragilidade

da estrutura restante, esse tipo de arquitetura, industrial se diferencia dos casarões do século XIX e das lojas Art Nouveau por sua estrutura ter uma atribuição mais funcional do que estética, parâmetro muito usado por teóricos dos séculos anteriores, como Ruskin e Le-Duc, e sua imagem arquitetônica é muito recente na paisagem das cidades e pesquisas sobre esse tema. Portanto, com essa escassez de informações sobre esse tipo de arquitetura, é ainda mais importante o levantamento analítico de informações para que a intervenção tenha mais sucesso em sua implementação, gerando áreas de coletividade para a cidade, e não agravando problemas de degradação e subutilização.

Nesse âmbito KÜHL (2008) questiona sobre essas edificações e a sua tutela, pois o uso privado de um espaço histórico é sempre direcionado ao modismo, por estar sendo ocupado de acordo com o interesse do mercado, ressinificando as construções para a maior viabilidade de lucro, por serem grandes áreas em meio à malha urbana, como o caso em estudo. Além do uso ser compatível com a estrutura do local pré existente, de forma o projeto adapte seu programa à área e condições possíveis da ruína, outro grande problema é a composição do projeto arquitetônico, que deve manter a obra como um todo, para a continuidade de seu valor de documentação histórica e não seja descaracterizado.

Atualmente a antiga indústria é propriedade pública, seu

terreno abrange um centro comunitário social e o terminal urbano. As alterações sobre a área foram propostas pela prefeitura, mas não saíram do campo das ideias e, ano após ano, a Ruína perde sua materialidade pouco a pouco. A sua pré existência não descaracterizou sua qualidade de vazio urbano, o lote de grande proporção continua não cumprindo a função social da propriedade mesmo pertencendo à prefeitura e se relacionando com o prédio público ao seu lado, o Centro de Promoção Social Municipal (CEPROSOM), por meio do estacionamento e da entrada de funcionários. Sua localização é privilegiada, o centro como bairro, mantém-se até hoje sua condição de área onde os serviços da cidade estão concentrados, e esse fator pode ser um potencial para implementação de uma intervenção arquitetônica, é um espaço de encontro entre todas as classes, é acessível por todas as regiões da cidade, e também inclui uma participação microrregional, já que concentra os serviços com cidades menores ao seu redor.

Buscando registros mais recentes de diversos autores, uma delas mostra a destruição de grande parte da fábrica em menos de 10 anos (imagem 9). A fotografia a de 2011 mostra a Machina São Paulo com duas fachadas completas, uma delas não existe atualmente, e outra apenas uma parte (imagem 10).

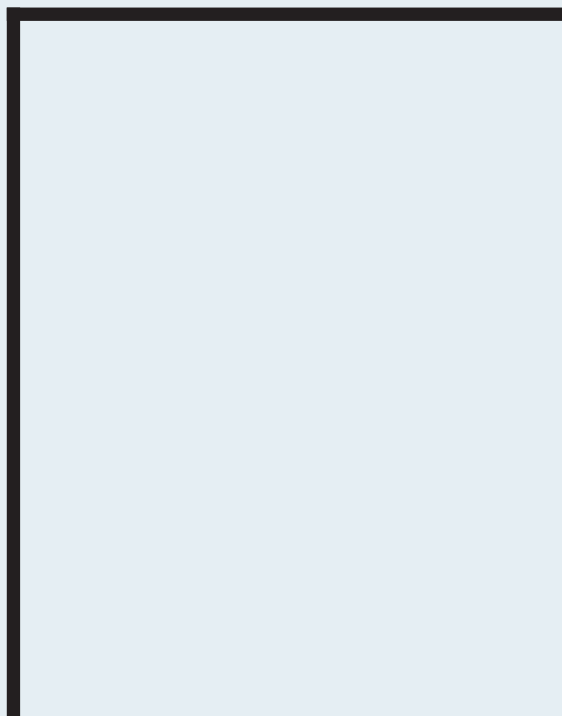
Imagem 9
Ruína em 2011
Fonte: Fernando
Carvalho ²



Imagem 9
Ruína em 2017
Fonte: Autoria
Própria



.....
² Disponível em : <<http://acaonacaminhada.blogspot.com.br/2011/02/predio-no-centro-continua-abandonado.html>> Acesso em 28 julho de 2017



2 . T e m a s e d i s c u s s ã o e s

2.1. Problemática

Com a mudança da articulação econômica de Limeira, baseado no modelo de industrialização a partir da metade do século XX, a prevalência do transporte rodoviário, esse setor passou a buscar proximidade de grandes vias. Também foram aumentando as restrições com as leis urbanísticas, passando a determinar áreas de ocupação para determinados usos nocivos, dinamizando a ocupação da cidade e estabelecendo a área da Ruína Machina São Paulo como uma zona comercial (LIMEIRA, 2009), entretanto não ocorreram ações ou políticas de preservação do patrimônio histórico para esse local (imagem 10).

A situação ociosa do lugar aparenta ser em função da própria ruína, a Prefeitura entrevistou nos outros dois recortes desse complexo fabril, mas os planos para a área da Ruína, primeiramente em construir um mercado modelo e, posteriormente, uma praça para a prática de *skate* não foram efetivados.

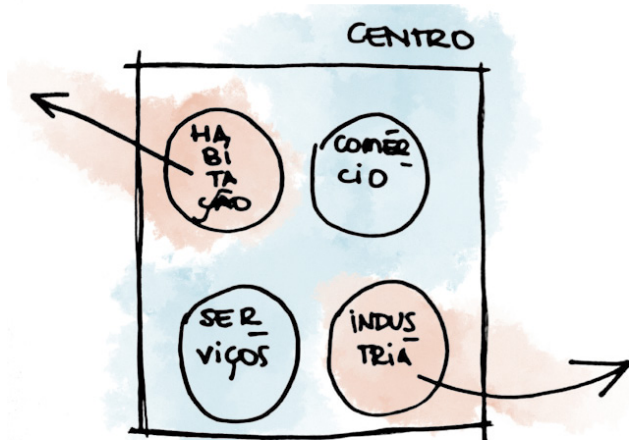


Imagem 10

Mudança dos usos de imóveis no Centro

Fonte: Autoria Própria (2017)



A Ruína Machina São Paulo, uma grande área abandonada em meio ao centro, de propriedade municipal pode ser percebida como um *Terrain Vague* (SOLÀ-MORALES, 1995), determinado por ser um lugar com história pré existente, onde seus limites espaciais já estarem inseridos na malha urbana. A antiga fábrica possui uma demarcação física além do limite do seu terreno, composto pela relação entre os níveis de declividade com sua estrutura e seus usos. Ela se encontra em uma situação de ócio, onde o espaço são subutilizado, chegando à um nível extremo de degradação, sustentada provisoriamente por uma estrutura de madeira (imagem 11), tanto pelo abandono quanto pela fragilidade que se encontra, flutuando em meio ao contexto urbano no qual está inserido.



Imagem 11
Ruína e sua atual estrutura de
consolidação
Fonte: Autoria Própria (2017)

O *Terrain Vague* apresenta o conflito entre ausência e promessa. A ausência é a consequência seu do esquecimento, unido à autoridades desinteressadas em manter o local com um bom uso, gerando o abandono, o sucateamento, tornando esse espaço mais vulnerável ao desejos de um mercado ligado à terra. O lugar tem sua potencialidade, pelos seus acessos, sua dimensão ampla e sua centralidade, as necessidades da população, nem sempre por equipamentos mas pela memória e preservação da identidade da cidade, e pelas suas qualidades, como a sua própria história e até mesmo as alterações realizadas no terreno.

A história do abandono da Ruína foi apresen◀da por seus fatores econômicos, políticos e sociais, entretanto às potencialidades também podem ser vistas como um fato proveniente de todos esses levantamentos, o lugar já foi referência de tecnologia no século XX, mas agora a produção industrial é de outros produtos em outra região da cidade, como dito por Solà-Morales, a imagem da cidade é um reflexo da experiência que temos sobre ela, e isso pode ser transposto como a maneira que se evoluem os espaços urbanos geram lugares mais ou menos favorecidos, por conta da visão ideológica sobre eles.

No recorte a ser abordado o projeto temos três tempos diferenciados pela sua materialidade, em estruturas desconectadas uma com a outra, as de tijolos aparentes (imagem 12), provenientes da indústria, enquanto a laje de concreto feita posteriormente (imagem 13). As partes de tijolos já compuseram o todo do galpão



Imagem 12 e 13
Ruína Machina
São Paulo, o
Pico do Trem
Fonte: Autoria
Própria (2017)



industrial e foram separadas pela ação do tempo e as intervenções. Essa separação ocasionou na perda de estabilidade, dificultando o travamento de uma das paredes restantes, a beira de colapso, necessitando de uma estrutura de consolidação do paredão.

Além da sua perda estrutural, a intervenção a ser proposta deve considerar e discutir características além da salvaguarda da ruína enquanto matéria palpável, questionando quais são as suas relações com a cidade e, principalmente, com as pessoas. A ruína é uma das consequências possíveis da construção realizada pelo homem ainda mais em tempos onde as mudanças estão cada vez mais rápidas (LIMA, MENEGUETTI, HIRAO, 2017)

A necessidade da intervenção não é apenas um reaproveitamento da estrutura para cumprir uma demanda da cidade, o lugar envolve a sua história e “observou” as mudanças do modo de vida das pessoas, desde a mudança do rural para o urbano, até os avanços tecnológicos das últimas décadas. Sua salvaguarda não está ligada à uma reutilização do prédio por conta da sua incompletude e a necessidade de estabilizar a estrutura de forma segura. Suas apropriações tem as particularidades que cabem apenas a essa ruína, os usos foram imprevisíveis e ocorreram de forma espontânea, portanto tem-se o interesse de refletir essas questões com o objetivo de sugerir uma mudança positiva, e não impositiva, para a ruína.

Imagem 14 e 15
Ruína Machina
São Paulo, o
Pico do Trem
Fonte: Autoria
Própria (2017)



2 . 2 . I n t e r v e n ç ã o d e R e s t a u r o

O Restauro é tratado na academia a partir do século XIX até hoje, propondo diretrizes para esse ato crítico, se alterando de acordo com as necessidades da população sobre a preservação material de sua própria história. Dentre os autores recentes, temos Cesare Brandi, natural da Itália, em seu principal livro Teoria da Restauração (1963), tratou do restauro de obras de arte, inclusive a arquitetura, com noções de conservação e restauro na resinificação de um objeto (ALOISE, 2015).

“estabelecer os monumentos que caracterizam a inserção da obra de arte no tempo histórico para poder definir em qual desses momentos podem ser produzidas as condições necessárias a essa particular intervenção que se chama restauro, e em qual desses monumentos é lícita tal intervenção” (BRANDI, 2004 p. 59)

Para Brandi é imprescindível reconhecer o histórico da obra para realizar uma intervenção, principalmente quando se trata de conjuntos urbanos, como o caso da Machina São Paulo, não se restringindo há um prédio histórico ou uma obra arquitetônica isolada, mas se inserindo em um contexto espacial relacionado com outros elementos históricos, como a ferrovia, a rodoviária e os casarões da parte baixa do centro. Um de seus argumentos muito discutidos e pensados nos projetos que serão usados de referência para a conclusão de um projeto arquitetônico para essa Ruína é a necessidade de pensar a questão da materialidade, tanto da estrutura preexistente quanto à sua relação com o novo, para não gerar a dúvida a qual tempo pertence cada intervenção.

Outro instrumento teórico discutido ao início da temática apresentada para a realização desse ato crítico de restauro é a Carta de Nizetchel Tagil, uma carta patrimonial onde se descrevem diretrizes e razões sobre a atuação no âmbito preservacionista da arquitetura industrial, proposto pelo Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), onde seu principal consultor é o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), no ano de 2013, aprovado pela UNESCO.

Inicialmente a carta apresenta fundamentação para entender a necessidade de preservar esse tipo de patrimônio, em que a Revolução Industrial é um marco importante da história, por ter gerado transformações nas relações sociais, técnicas e econômicas, comparando-as com o que ocorreu entre o período Neolítico e a Idade do Bronze. A industrialização promoveu diversas mudanças na cidade, e seus reflexos são

observados pela forma como vivemos hoje, o salto tecnológico alterou o funcionamento das cidades e a articulação dos meios de produção.

A proposta dessa carta é referente a revolução Industrial europeia no século XIX mas, comparando com o contexto brasileiro, isso ocorre de forma semelhante, distinguindo pela industrialização tardia no Brasil, por ter passado quase três séculos a mais com a economia ligada apenas na agricultura. Observando o caso em estudo, o crescimento da cidade de Limeira é uma das consequências do processo de industrialização. Primeiramente, os barões do Café tiveram em suas mãos o poder político da cidade, e essa mesma elite necessitou implantar a industrialização para o crescimento econômico, alterando completamente a dinâmica urbana, em que as cidades deixam de ser rurais.

O processo tornou aquela edificação uma ruína, resultando na perda de uma grande quantidade de registros físicos sobre esse processo de industrialização, ainda mais por ter sido a primeira fábrica da cidade. Com isso, analisando artigos e buscando documentos disponibilizados online em relação à tombamentos e tentativas de preservação, nota-se quão vulneráveis estão esses sítios em meio à ocupação contemporânea da cidade, uma vez que não há transparências pelos órgãos municipais em apresentar de forma facilitada essas informações, ainda mais em um terreno supervalorizado, dotado de infraestrutura e facilidade de acessos como o caso em questão, portanto, com essa identificação da Machina São Paulo como um local de memória e história de Limeira. As informações disponíveis por meio das secretarias Municipais

foram as fotos do período de funcionamento a indústria, presente no acervo digital do Museu Histórico e Pedagógico Major José Levy Sobrinho.

Pensando na forma de agir nesses patrimônios arquitetônicos, ainda mais em áreas degradadas, pode ocorrer uma expulsão dos usuários do lugar enquanto ruína, assim foi usado o método ligado a percepção, na tentativa de atribuir o projeto de restauro aos atores sociais na Ruína, para analisar os usos atuais e os porquês das pessoas estarem em um lugar considerado degradado. A ideia é evidenciar sua preexistência, tanto da história de formação da cidade, a mudança da economia e as pessoas presentes atualmente na área, o coletivo que promove ações de cuidado e limpeza, os funcionários da Assistência Social, os funcionários do transporte público e as pessoas que usam as vigas baldrame e as áreas de sombra para o ócio e o descanso.

No caso da Ruína, sua situação estrutural é uma dificuldade do seu próprio restauro (ALOISE, 2015) mesmo com o uso de diretrizes conservadoras em um restauro, a estrutura em colapso requer uma intervenção, para prolongar a vida de sua materialidade restante, que proporcione uma nova espacialidade e também seja uma referência de sua própria construção histórica.

Essas duas bibliografias abrangem a intervenção física dos patrimônios, em destaque ao industrial, e o caráter de um projeto ligado as marcas do tempo não apenas na arquitetura mas como a sua relação com as pessoas, de forma a planejar o futuro da edificação, sem apagar os vestígios remanescentes, são tratadas por Lina Bo Bardi nomeando-a de “presente histórico”. Consiste na trajetória da construção, que carrega seu tempo desde o passado, quando foi construída, as marcas deixada por ele, e sua feição nos dias de hoje, não apagando a história da composição arquitetônica, mas trazê-lo para habitar o futuro da matéria original (MACIEL; GARCIA; MAGALHÃES, 2009). Em seu pensamento, Lina busca circunstâncias não congeladas do espaço, do cotidiano e da história contada, propondo uma verdade para o hoje.

2.2. Percepção e fenomenologia

A intervenção de um patrimônio histórico da cidade de Limeira é também um trabalho do restauro, abordando a história e a importância do lugar, justificando a tentativa de preservação do edifício em ruínas. A sua consolidação não é o único tema, muito menos o único problema da área, seu estado é uma consequência da subutilização e acarreta em problemas como a segurança, o consumo de drogas e a marginalização da área.

Não é apenas o pensamento sobre o passado, se no século passado a antiga fábrica fez parte da rotina da cidade hoje está desabando, pela perda de sua importância e uso para as pessoas, uma proposta impositiva poderia acarretar novamente o abandono da Ruína. Podemos refletir sobre como os espaços são efêmeros, o humano pós moderno em constante mudança não tem mais as mesmas necessidades de seus pais e avós. Como propor a intervenção sem expulsar os jovens que usam o espaço livre para passar a tarde, os motoristas e cobradores de ônibus que descansam na sua sombra, os treinos do grupo de parkour , considerar a área paralela a ferrovia com a presença de usuários de droga e pensar na relação de circulação entre o Terrain Vague e seu prédio vizinho, o CEPROSOM.

Para isso as análises sobre o lugar seguem o processo metodológico da etnografia, por meio do inquietações como pesquisadores, sem padrões rígidos, de forma a ser guiado de acordo com à realidade do campo a ser estudado. Foram realizadas observações de forma participante, estando presente na realidade da Ruína, buscando entender quais eram os atores sociais participantes, responsáveis pela mudança da estrutura social (MATTOS, 2011).

O espaço foi experimentado na pesquisa por meio da deriva, ao invés de trabalhar diretamente com mapas e imagens, o reconhecimento do lugar foi pelo deslocamento a partir de seu entorno, no caso da ruína escolhido pelo contexto histórico do centro de Limeira, seguindo as solicitações do terreno e os encontros proporcionados pelo caminho, pelas variáveis psicogeográficas que despertavam a curiosidade, a partir do determinismo e das experiências como indivíduo observador (DEBORD, 1958). A deriva foi o meio usado para a experimentação das sinergias proporcionadas pela Ruína Machina São Paulo e ajudaram a iniciar a reflexão sobre os atores sociais participantes de seu microclima.

A partir dos questionamentos a serem desenvolvidos após a deriva, o objetivo de significar um ambiente com o projeto arquitetônico é uma tentativa de possibilitar mudanças qualitativas do lugar, visto como um potencial de atuação na arquitetura pela fenomenologia (SCHULZ apud NESBITTI, 2006), com o interesse de explorar a qualidade sensorial proporcionada pela Ruína e seu vazio.

O objetivo é refletir sobre a realização do projeto valorizando a experiência sobre o Terrain Vague, evitando o olhar estrangeiro, para propor intervenções para o “outro” com a arquitetura participativa (MONTANER, 2017), usando o método

da deriva, pelo olhar livre da etnografia e da fenomenologia buscando resultados de experimentação de outros sentidos da arquitetura para além do olhar, provocando a relação entre o toque, o cheiro, a temperatura, o ambiente proporciona sensações além das visuais, e essas características também fazem parte das qualidades da Ruína, a sombra trás conforto para quem busca descanso e o caminhar dificultado pelo relevo é primordial para a expressão do *parkour*, mesmo que subtendidos, os detalhes são os atrativos casuais de usos inesperados para uma área degradada.

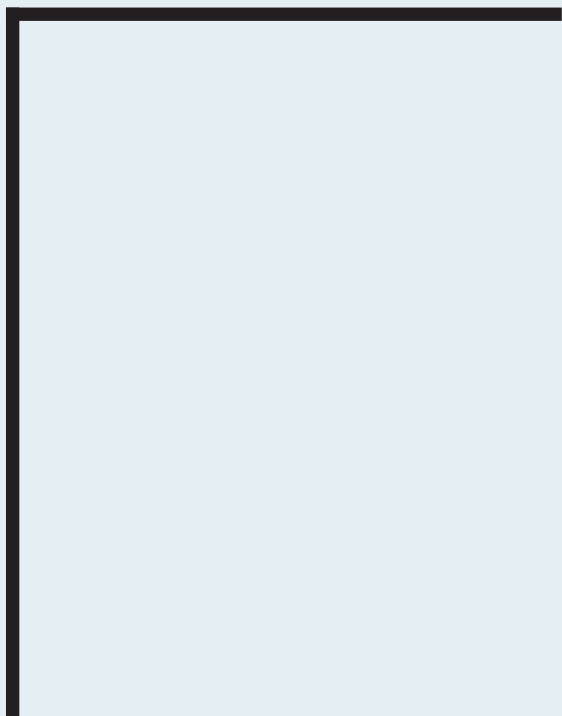
Em “Os olhos da Pele”, Pallasmaa apresenta ideias sobre a experimentação de outros sentidos humanos na arquitetura durante a experimentação, como os outros sentidos são provocados a partir da visão. O autor apresenta o tato como o primordial, mas em tempos da velocidade de nossas rotinas, transportes e transmissão de informação, o homem contemporâneo passa despercebido por detalhes além da visão, o sentido capaz de provocar sensações em todo o corpo, o tato é colocado em ultimo plano perante a visão da tela eletrônica e a audição atenta aos sinais de notificações.

“Toda experiência comovente com a arquitetura é multissensorial; as características de espaço, matéria, e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa relação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal. “ (p. 39)

O objetivo de toda essa reflexão é um projeto de caráter coletivo, proporcionando a reativação da Ruína Machina São Paulo por meio das intervenções já realizadas por meio de mutirões, organizadas pelo grupo “Parkour Limeira”, unindo o trabalho desses jovens com as outras pessoas que acessam o lugar para diferentes usos, unindo os diferentes no mesmo espaço, não as separando, respeitando suas diferenças. Quanto aos usuários de droga, como o esporte pode contribuir para uma melhoria da qualidade de vida e mudança da rotina dessas pessoas, características que proporcionam atividades ilícitas na Ruína e na área envoltória a ferrovia, não irão desaparecer da cidade. A ausência da tentativa de integração torna as políticas propostas contraditórias, resultando em projetos voltados a uma população já privilegiada, esquecendo novamente quem já participa e intervém na área da ruína. São as próprias pessoas responsáveis pelos primeiros passos de fomentação desse projeto. O reconhecimento dos seus passos e de seus usos é uma forma de entender as intervenções realizadas pelos mesmos.

Dessas percepções resultantes das derivas, as anotações geram sínteses diagramáticas, ou seja, inicia-se o processo de desenho de um projeto arquitetônico, de forma rizomática, retomando questões anteriores sempre que for necessário, expressando as ideias de forma abstrata para interpretar os fenômenos e desejos complexos do homem, da cidade, suas práticas sociais e culturais, articulando por meio da abstração aos impulsos da cidade contemporânea (MONTANER, 2017).

Portanto, a percepção fenomenológica é um meio de entender a dinâmica do lugar para além dos seus problemas concretos, como a falta de mobiliário urbano, acessibilidade ou a intervenção em um patrimônio histórico de forma pragmática, a liberdade do desenho e do reconhecimento etnográfico levanta questões mais próximas das pessoas que estão diariamente na Ruína, quais seriam os pontos para a reativação e qual o papel da arquitetura para sua mudança.



3 . P e r c e p ç õ e s

3.1. Intervenções e os tempos

Não há muitas informações documentadas sobre os projetos e as intenções da Prefeitura, como proprietária da área, em promover melhoria, os dados a seguir são levantamentos encontrados em notícias e contato com pessoas que usam o local para diversos fins. A prefeitura de Limeira adquiriu esse terreno em 2006³, com a intenção de revitalizar toda a área próxima à ferrovia na parte central da cidade. Foram comprados diversos terrenos do mesmo proprietário da Machina São Paulo, e o único ocioso até hoje é o da Ruína.

Apesar disso, já houveram duas propostas de intervenção nessa área, porém não há disponibilizado os projetos e as suas licitações, encontra-se apenas notícias apontando o abandono das obras. A primeira construção proposta seria a de um shopping popular, na tentativa de substituir o mercado modelo, prejudicado por se localizar em uma área de alagamento, trazendo problemas aos comerciantes, principalmente aos de produtos alimentícios⁴.

³ Disponível em : <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/05/prefeitura-de-limeira-tem-nove-obras-paradas-com-gasto-de-r-72-milhoes.html>> Acesso em 28 julho de 2017

⁴ Portal G1 de Notícias. Disponível em : <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2014/04/predio-que-abrigaria-shopping-esta-abandonado-no-centro-de-limeira.html>> Acesso em 28 julho de 2017

O comércio nessa proposta, seria uma forma de atingir o pequeno comerciante, gerando empregos, aproveitar um espaço disponível nas proximidades do terminal urbano, gerando renda por meio de aluguéis, sustentando os custos do imóvel. Não há informações sobre o motivo do projeto não ter sido realizado, houveram apenas alterações na topografia e a construção da estrutura de concreto. Esse projeto necessitaria de um grande espaço, na época o prédio ainda era um galpão, com todas as fachadas originais, então para esse uso seria necessário pensar em soluções de cobertura e estabilização das paredes.

Em novembro de 2014, a plataforma digital de notícias G1 realizou uma reportagem sobre o abandono da obra, em resposta a prefeitura disse que já haviam descartado a possibilidade de construir o shopping popular⁵, mudando a proposta para um espaço de atividades culturais e lazer, com um projeto de praça para *skatistas*, obra não realizada até hoje. Nota-se a preocupação da mídia em falar sobre o abandono do local em si, não é pelo seu valor histórico, as notícias colocam questionamentos sobre a degradação do lugar, por ser um espaço vazio em meio ao centro, com acesso e localização privilegiada. A preocupação com o espaço livre da cidade pode ser entendido como a Ruína proporcionar abertura na malha urbana ser algo importante para a cidade, por isso é plausível manter essa dinâmica, trabalhando a qualidade desse lugar livre.

A ideia da pista de skate engloba diversas vertentes

.....
⁵ Portal G1 de Notícias. Disponível em : <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2014/11/comprado-ha-9-anos-pela-prefeitura-de-limeira-imovel-esta-abandonado.html>> Acesso em 28 julho de 2017

do cotidiano dos jovens, principalmente na periferia, o esporte como lazer ativo transforma locais abertos em áreas de encontro e convívio, principalmente entre os jovens. Esse equipamento é diversificado e se adequa à esportes como o *skate*, bicicleta, patins, *parkour*, atingindo diversas faixas etárias. Junto com o esporte, há uma grande conexão com a cultura urbana, do grafite e da música. Em Limeira existe um movimento popular ligado à música, chamado RAP do Coreto, promovendo encontros de jovens nas áreas centrais da cidade, a expressão popular traz vivência às noites nos fins de semana para as praças.

O objetivo de uma intervenção para a ruína, além de preservá-la, é trazer pessoas para o local, estabelecendo conexões que não existem, conforme já foram citadas. Entre esses dois usos planejados pela prefeitura, há uma grande diferença de atuação no projeto e no funcionamento dos equipamentos, no shopping popular teria um horário restrito de funcionamento, provocando sensações de insegurança da mesma maneira como se tem agora, pois funcionaria apenas em horário comercial. A construção de um equipamento de comércio necessitaria de barreiras físicas e isso poderia segregar ainda mais a área próxima a ferrovia.

A imagem a seguir é uma relação entre as fotografias obtidas durante a pesquisa a respeito das intervenções realizadas no antigo galpão e também do tempo. Podemos observar como os últimos anos foram drásticos à sua estabilidade, e como a situação de ruína proporcionou um espaço livre, como um respiro em meio ao centro da cidade.

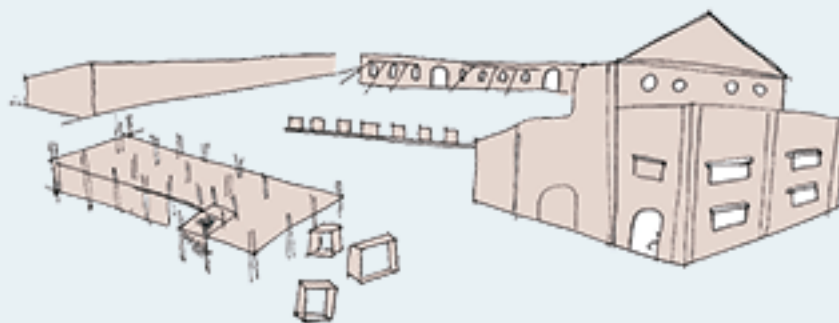
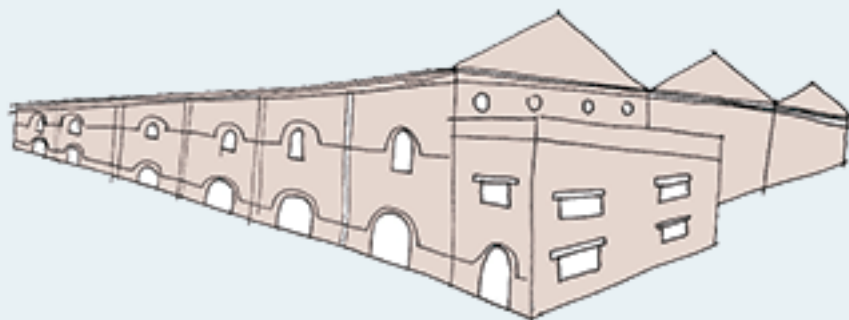
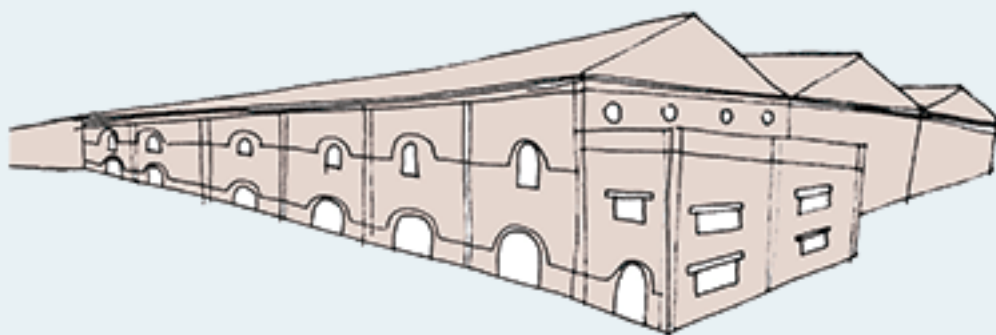


Imagem 16
As mudanças ao longo do tempo
Fonte: Autoria Própria (2017)

No ano de 2017 ocorreu uma intervenção coletiva pelo Grupo *Parkour* limeira, descrito por um dos membros da equipe por meio de entrevista, Gabriel de 24 anos, pratica o esporte desde os 16. O grupo de amigos formado por pessoas que também praticavam começaram a se reunir e divulgar eventos para a prática e treinamento do esporte com mais pessoas interessadas. Como não havia um local para os treinos, realizavam no parque da cidade. A ruína, seus desníveis e as estruturas existentes na área, principalmente a de concreto, possibilitavam a criação de percursos porém havia a falta de diálogo entre os jovens e a Guarda Civil Municipal.

A ruína é chamada por eles de “Pico do Trem”, e por meio de um dos praticantes do grupo funcionário da Prefeitura, apelidado de “Duende” conseguiu a doação de tubulações para se iniciar a construção coletiva do *Parkour Park*.

Essa iniciativa foi realizada de forma coletiva (imagens 17 e 18), promovendo a priori um mutirão de limpeza do Pico para receber os materiais cedidos, os participantes levaram ferramentas para carpir o terreno, antes a passagem era difícil por conta da ausência dessa manutenção, sinalizaram das armaduras de concreto expostas e receberam as tubulações de concreto.

Imagens 17 e 18
Mutirão do Pico do Trem
Fonte: Parkour Limeira (2017)⁶

.....
⁵ Disponível em : <<https://www.facebook.com/parkourlimeira/>> Acesso em 15 de setembro de 2017



O trabalho realizado pelo grupo foi o início de uma reativação da área, e desde junho, quando foram realizadas as intervenções, foi possível notar a diferença das sensações ao caminhar e de estar na área, o abandono e a característica de vazio urbano não são os únicos temas, essas pessoas protagonizam as mudanças e atuam para a qualidade do lugar, com as próprias mãos.

Hoje o lixo encontrado reduziu expressivamente e é comum encontrar jovens no meio do dia sentados nas vigas baldrame buscando a sombra feita pela Ruína e as suas intervenções e o *parkour* é praticado em diferentes horários.

Imagem 19

Parkour no Pico do Trem

▼ Fonte: Felipe Maia (2017)⁷



⁵ Disponível em : <<https://www.behance.net/gallery/56577919/>

O título de coletivo define um grupo de pessoas reunidas por motivos artísticos, políticos ou profissionais, proporcionando o compartilhamento de ideias e a intenção de impactar mudanças na sociedade. Nessa definição, o Coletivo *Parkour* Limeira foi criado em 2006, constituindo em uma equipe sem fins lucrativos, onde divulgam por meio de sua página no Facebook assuntos relacionados ao esporte, além de criar eventos para realização de treinos, buscando um crescimento no esporte compartilhado entre os interessados em sua prática.

O *parkour* é um treino de transposição de obstáculos, aproveitando objetos usuais dos espaços e da arquitetura das cidades, como os muros, corrimãos e vãos, buscando a autonomia do corpo e explorando os desafios do cotidiano. Os treinos e a prática trabalha com a resistência, equilíbrio, determinação, concentração e persistência, podendo ser praticado também por crianças, desenvolvendo suas capacidades físicas desde cedo.

Esse esporte tem a arquitetura aliada em sua prática, o pré existente estimula a criatividade dos esportistas em criar os percursos e explorar os movimentos, em Limeira a ruína Machina São Paulo apresentou um potencial para o *parkour* e o coletivo passou a utilizar o lugar. Antes as práticas aconteciam no Parque Municipal, mas o fluxo intenso de pessoas e a limitação dos circuitos eram pouco para a criatividade e a experiência do grupo. O coletivo tinha o interesse em alguma área para a prática de esportes, e iniciou um projeto de intervenção na área, por meio de pequenas mudanças, dentro das possibilidades de trabalho e custo, proporcionando a mudança das dinâmicas na ruína. O trabalho realizado por um grupo não se restringiu ao

interesse no esporte e modificou questões como segurança, por desde então ser mais frequente a permanência de pessoas, ocasionando em uma intervenção urbana, ou seja, o designo da visualidade nos espaços públicos, recriando a paisagem. Houve a experiência sobre o *Terrain Vague*, as propostas metodologias foram realizadas pelo coletivo da mesma forma que se discute na universidade, porém de forma espontânea.

Foram observados as necessidades do lugar, necessitava de uma limpeza e ainda há dificuldades como a falta de iluminação. Em contrapartida, a disponibilidade das estruturas de concreto cedidas foram remanejadas pelo grupo e posicionadas pelo raciocínio da experiência, pensando nos movimentos do *parkour* possíveis de serem realizados com essa disposição.

No dia 24 de junho foi realizado o mutirão de limpeza, convidando pessoas por meio da rede social para a mobilização coletiva na área abandonada, propondo a retirada do lixo e a carpir o mato, com a intenção se posteriormente implantar o *Parkour Park*. O material necessário foi levado pelos participantes, como martelos, picaretas, vassouras, carriolas, enxadas, entre outros, para contribuir e facilitar o trabalho.

O grupo realizou de forma prática um projeto para o lugar, demonstrando como a produção da cidade e de seus espaços, principalmente os abertos ao público, pode ser discutido por todos, sendo um dos atores sociais da ruína. O compilado de fotos a seguir (imagem 20) foi realizado pelos participantes, e demonstram como o trabalho coletivo pode ser realizado de forma simples e com medidas palpáveis de serem realizadas de forma independente.



▲ Imagem 20
Comparativo entre o antes e depois do
Mutirão de Limpeza do Pico do Trem
Fonte: Parkour Limeira (2017)⁸

.....
⁸ Disponível em : <<https://www.facebook.com/parkourlimeira/>> Acesso em 15 de setembro de 2017

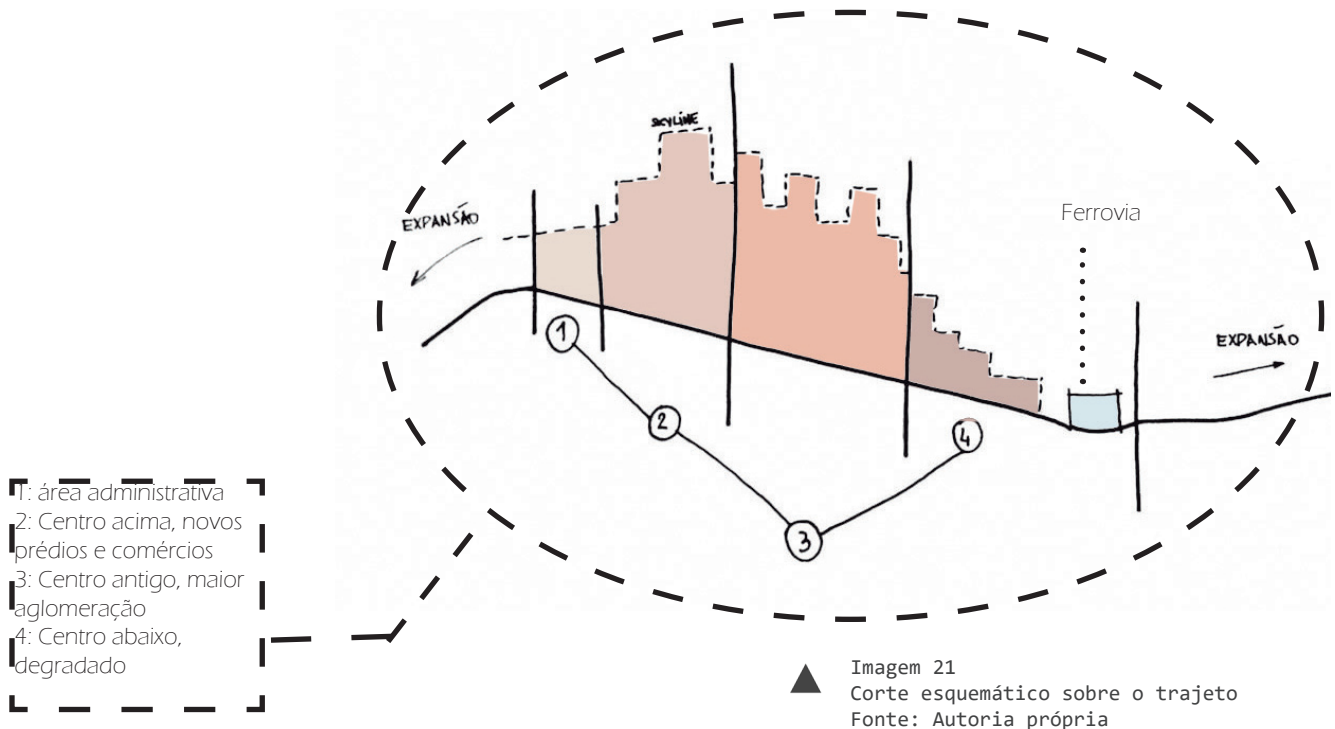
3.2. Sinergias

As derivas à Ruína ao longo do ano de 2017, realizadas em horários diferentes e, em determinados dias, observadas de forma mais rápida e distante quando o local fazia parte do caminho a ser realizado, foram sintetizadas para demonstrar o resultado da experimentação por esse método. No período de reflexão desse trabalho ocorreram muitas mudanças na área, sendo fundamental para entender quão mutáveis são as relações entre o indivíduo e o espaço que ele ocupa na cidade. Os lugares são suscetíveis a usos inesperados, como o *parkour*, e a cidade possui redes complexas de relação entre as pessoas e os espaços a qual desejam pertencer.

Delas resultaram análises não pautadas em escala macro, mas buscando entender e vivenciar e experimentar a ruína, observando os seus usos, as pessoas e seus rastros. O percurso se iniciou pelo conhecimento histórico sobre a cidade, pela área de intervenção decorrer do processo de urbanização de Limeira, se relacionando ao centro como um todo, pelas datas de construção e pela dinâmica de fluxo dos dias atuais, a formação urbana e a atual dinâmica do lugar não se separaram com o tempo. Por estar ao lado do terminal urbano e receber elevado fluxo de veículos em avenidas próximas à ruína, seu caminho é praticamente o mesmo de quem vai para o centro.

A região central faz parte da rotina dos moradores de Limeira, mesmo com os bairros possuindo infraestrutura ou concentração de comércio, as pessoas têm a conexão com o Centro pela facilidade de encontrar produtos e serviços, seja pelo preço ou pela variedade de opções. Essa relação também existe pelos caminhos formados pela cidade e os eixos de grande circulação de carros, correspondentes desde a sua formação urbana.

O caminho realizado seguiu a topografia, iniciando da parte mais alta do centro, onde se localizam os prédios comerciais mais novos, descendo até a o ponto mais baixo, a ferrovia, passando pelas edificações mais antigas dessa área da cidade (imagem 21). A sua localização na parte inferior distancia o olhar da pessoa com essa parte da historia da cidade, não há motivos da população se aproximar desse espaço a não ser quando precisa se transportar, por ser vizinha aos terminais urbano e rodoviário. Em áreas de intensa circulação de pessoas, existem cercas ou muros privando o acesso, diferente do Pico do Trem, onde não há delimitação na área, mesmo com a ferrovia em plena atividade.

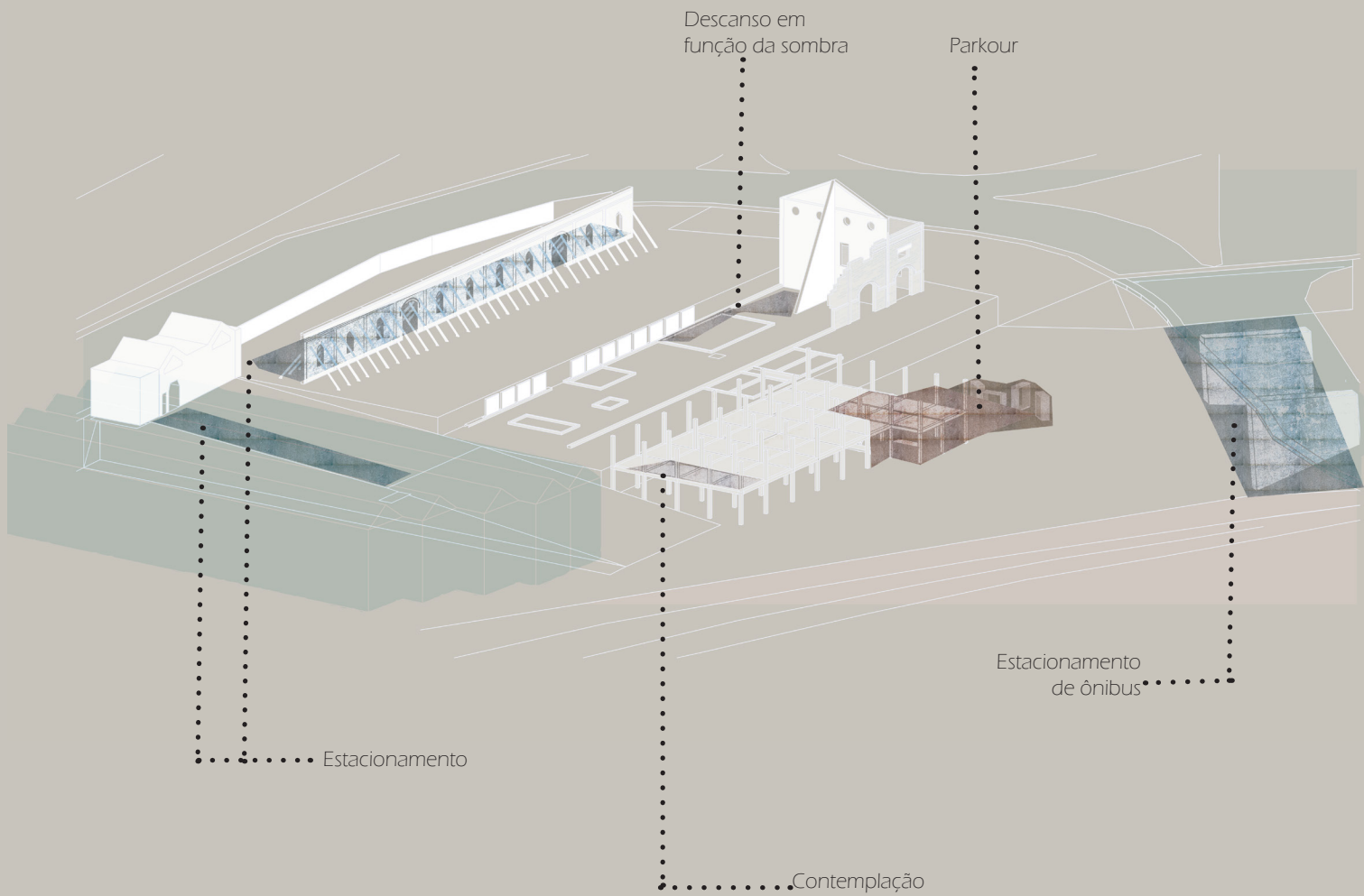


Nota-se a primeira potencialidade do Pico do Trem, o lugar possui um acesso democrático, principalmente para a população que utiliza o transporte coletivo, é conectada ao terminal urbano, onde passam pessoas de toda a cidade, a novidade de uma intervenção poderia atrair a curiosidade das pessoas para experimentar a ruína e sua história. Ainda é um local central na malha urbana e a relação dos moradores com o centro poderia facilitar a aproximação dos jovens com as atividades exercidas até então, como o *parkour* e a cultura urbana ligada a essa prática, como o grafite.

As sensações e impressões reconhecidas foram demarcadas em forma de diagramas, para a experimentação do lugar ser a interpretação da área onde se pretende intervir, usando além do físico e explorando a suas influencias mentais ou sensoriais (AMARAL, 2016). A antiga fábrica não é mais um espaço fechado e suas marcas estão presentes no solo, seu acesso é livre, sem barreiras ou controles, as paredes restantes e a base de sua estrutura, constituída de vigas baldrame. Não há usos incisivos, de um lado temos um muro atual, que é um local de expressão, onde se encontram grafites, entre os dois há um uso de estacionamento, onde funcionários do prédio ao lado guardam seus carros próximos às estruturas que consolidam a ruína. O acesso desses funcionários pode ser feito pela área por meio de uma passarela. As marcas no chão correspondem aos caminhos de desejo, realizados pela passagem de carro ou a pé, interligando os usos de determinadas áreas da ruína, e os usos correspondem aos caminhos, descanso, mirante para a vista da linha do trem e o *parkour*, descrito anteriormente, usos definidos pelas pessoas que passam ou permanecem na Ruína sendo voláteis, mesmo com o uso rotineiro (imagem 22).



Imagem 22
Cartograma
sobre os usos
Fonte: Autoria
própria



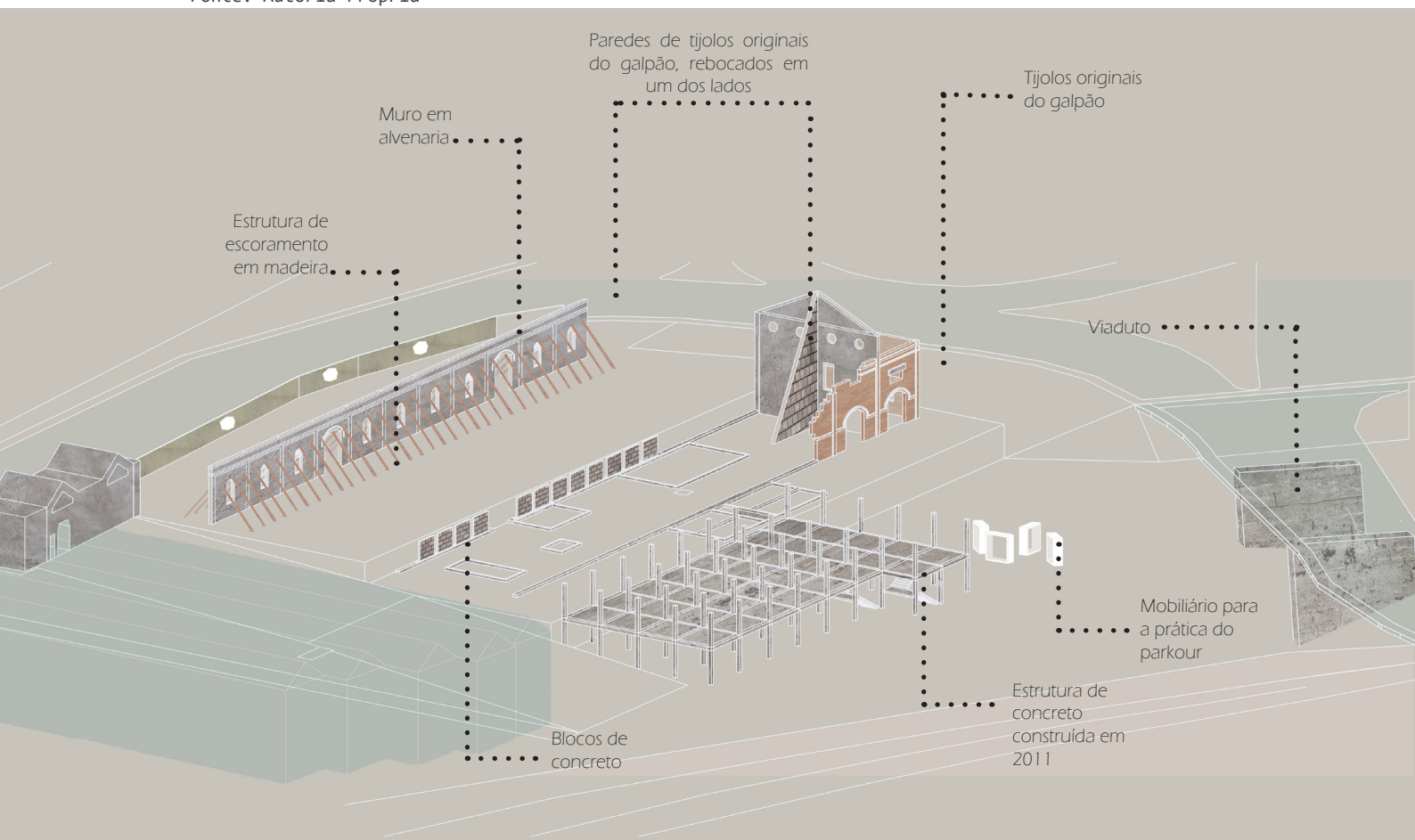
As edificações presentes se dividem em três patamares e seus tempos são marcados claramente pela diferença de materiais e técnicas construtivas, a observação da ruína reflete as marcas da corrosão gerada pelo clima e pela intervenção do homem na arquitetura já existente, três diferentes relações se conectando por uma mesma área física, porém os patamares parecem dividir seus usos (imagem 23), e terem consigo um grupo de agentes apropriadores daquele espaço.

Entre as marcas contemporâneas na ruína, temos o grafite, expressão artística promovida por diferentes contextos sociais, visto pela percepção das manifestações cotidianas, como uma intervenção espontânea sem a rigidez

Imagem 23

Diferentes materiais do Pico do Trem

Fonte: Autoria Própria



da lógica racional científica (BRANDÃO, SCHIMIDT, 2008). A sua presença foi realizada ao longo do tempo de abandono do antigo galpão e industrial e recentemente com a chegada das peças de concreto do *parkour*. O grafite é a representação do conflito de classes sociais, diferenças culturais e aspectos políticos de uma sociedade contemporânea, nela se observa onde moram e qual parte da cidade ocupa cada um desses grupos, seja de forma fixa ou efêmera, a composição arquitetônica, artística, visual e sensitiva varia em decorrência de toda essa articulação. A ruína possui diversas paredes abandonadas nas intervenções realizadas pela prefeitura, que não foram finalizadas, ampliando assim a liberdade criativa dos jovens presentes no lugar (imagem 24).

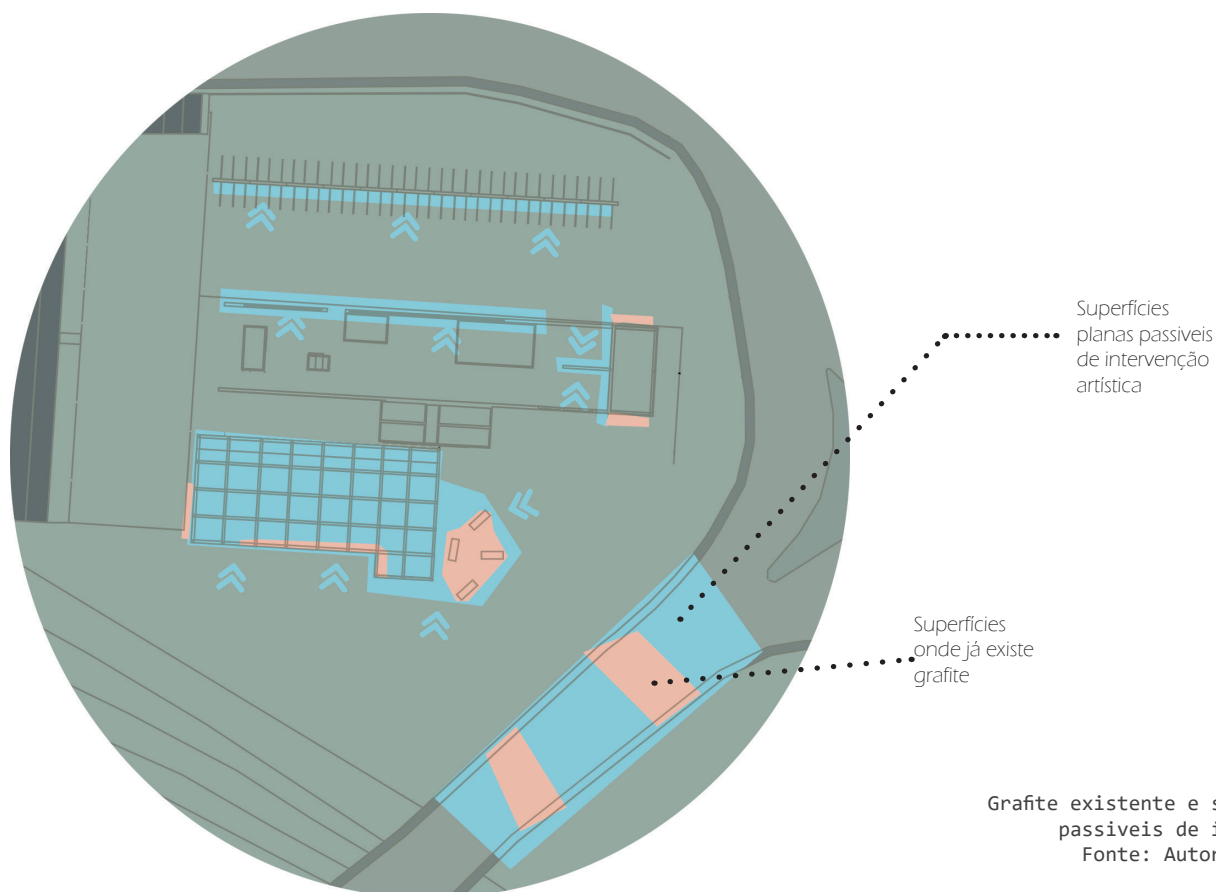


Imagem 24
Grafite existente e superfícies
passíveis de intervenção
Fonte: Autoria Própria

Até então a ruína é o lugar de encontro ligado ao esporte e ao grafite na parte inferior do lote pelos jovens, podendo ampliar o atrativo para outras atividades efêmeras realizadas por essas pessoas, expressadas muitas vezes sem a sua concretização, como a música, o cinema e o simples diálogo.

A atuação do coletivo do Parkour Limeira, parte de uma inquietação sobre o lugar, a declividade da ruína pelo sua topografia e pelas construções proporcionaram a prática do esporte, isso levou a intenção de atuar conjuntamente pelos interessados gerando a sua modificação, ativando a área para além de um lugar vazio e abandonado da cidade. O grupo aproveitou a declividade e, o mesmo talude que proporciona essa condição, cria planos onde ocorrem outras apropriações, como as áreas de descanso e contemplação. Esses usos dividem o mesmo espaço e não são invadidos pelo carro, por mais que o uso da ruína para estacionamento traga riscos para a estrutura em escoramento, o trabalho de intervenção pode aliar essa necessidade dos trabalhadores de seu entorno. O carro está presente apenas em horários comerciais, e não ocorre disputa pela ocupação dos espaços da ruína.

Portanto, o pensamento norteador pela fenomenologia e executado por meio da deriva, resultou na cartografia social e sensitiva, reunindo as reflexões obtidas desde o início da pesquisa e sendo repensada ao longo dela, amadurecendo as conclusões sobre como a arquitetura pode intervir na Ruína da antiga fábrica, pensando na viabilidade e nos responsáveis por essas mudanças. A cartografia seguinte (imagem 25) é uma representação dos fluxos entre o visível e invisível, refletindo sobre os sinais manifestados no lugar (AMARAL, 2016), registrando os pontos onde as pessoas estão e tentando entender os motivos por não estarem lá.

PICO DO TREM
RUÍNA
ANTIGA FÁBRICA
"EM FRENTE AO MERCADO"

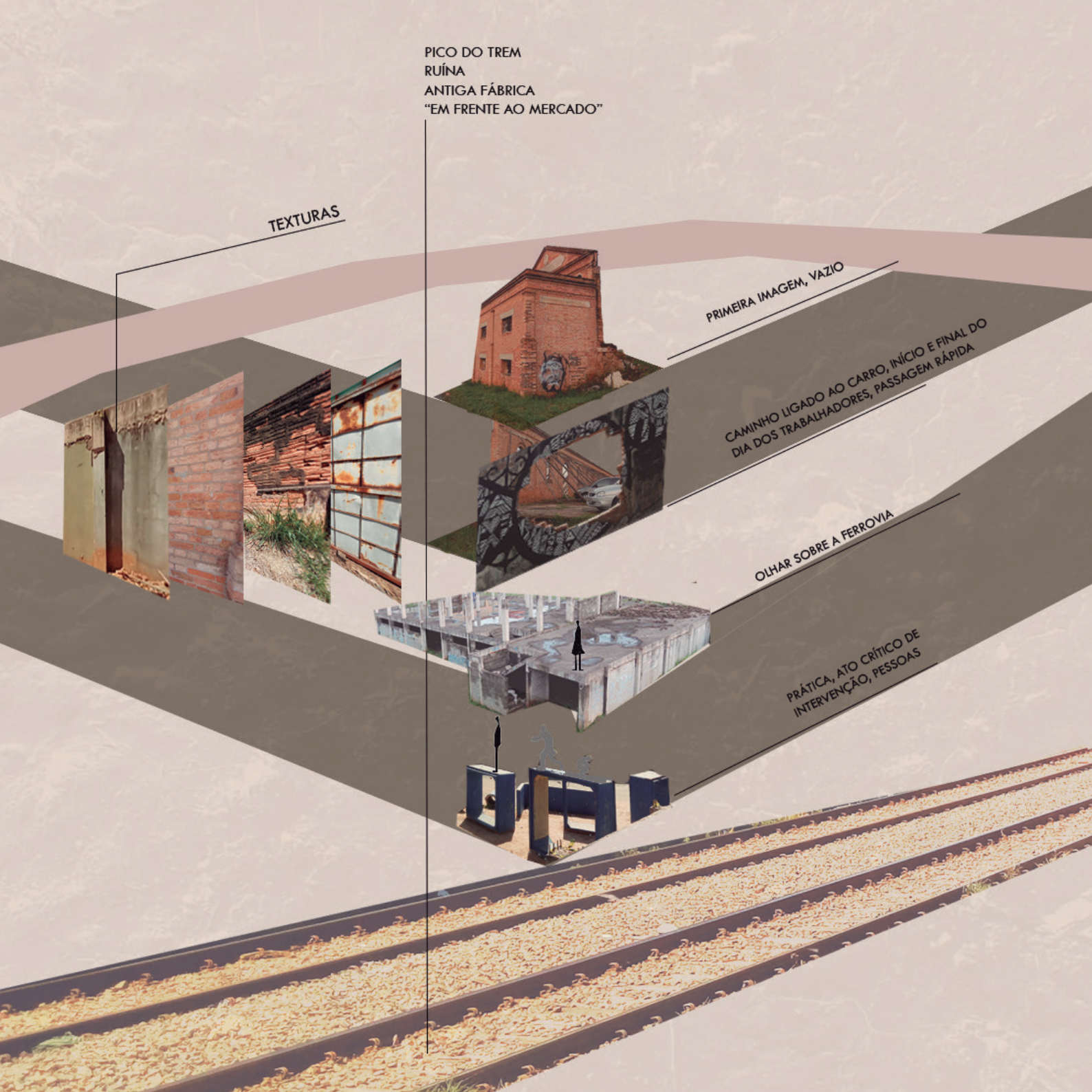
TEXTURAS

PRIMEIRA IMAGEM, VAZIO

CAMINHO LIGADO AO CARRO, INÍCIO E FINAL DO
DIA DOS TRABALHADORES, PASSAGEM RÁPIDA

OLHAR SOBRE A FERROVIA

PRÁTICA, ATO CRÍTICO DE
INTERVENÇÃO, PESSOAS



3.3. A reativação

Dentre as possibilidades de atingir o espaço da Ruína Machina São Paulo, a reativação é uma opção de incluir esse Terrain Vague novamente na rotina da cidade com o instrumento da arquitetura, o projeto, podendo ser resgatada sua memória (SANCHIZ, 2016), o objetivo é fazer a população enxergar as suas potencialidades, promovendo o convívio e a qualificação, nesse caso usando os próprios usos existentes.

O Coletivo Raumlabor apresenta em seu portfólio uma atuação interessante para o desenvolvimento desse projeto, trabalhando com intervenções em áreas degradadas da cidade, com ideias simples de uma arquitetura efêmera que impacta pontualmente à visão das pessoas sobre o espaço, com a inserção entre arquitetura, arte pública e o urbanismo. O grupo organiza situações complexas e pacífica as conjunturas problemáticas da seguinte forma:

- identificação de localidades urbanas problemáticas
- estudos das camadas históricas
- projeto de ações efêmeras de construção, evento públicos

A maioria de seus projetos são estruturas que podem se mover, são mutável e não são fixas ao espaço no qual foram inseridas, podendo ser montada e desmontada, de acordo com lugares e materiais disponíveis, trabalhando sempre com a interação do público. Esse tipo de intervenção também é uma forma simples de proporcionar a reativação do espaço, por demandar pouco investimento e ser

Imagem 26
Cartograma
Fonte: Raumlabor



realizada em prazos mais curtos do que a construção de algum prédio, tornando o projeto mais fácil de ser concretizado em meio à crise política e econômica atual. Essas situações efêmeras muitas vezes são interativas, e isso provoca nas pessoas curiosidade, aumentando as chances de participação das atividades e, posteriormente, da criação de uma identidade coletiva perante à Ruína, gerando cuidado entre a população.

A apropriação das pessoas também é importante para o cuidado permanente do espaço público, não se restringindo

.....
⁹ Disponível em : <<http://raumlabor.net/>> Acesso em 5 de outubro de 2017

apenas como usuário de um equipamento público mas entendendo-o como um local para todos. Pelo raciocínio desse coletivo temos a identificação da Ruína como uma área vulnerável, é um terreno ocioso, em meio ao centro, sem iluminação e acessibilidade, contendo estruturas que fazem parte da história da cidade. Entende-se os porquês, da sua construção, fechamento da indústria e o desgaste material ao longo dos anos, nessa parte também de inserem questões da análises entendendo os agentes daquele espaço, dando protagonismo aos autores sociais, para realizar um projeto arquitetônico coerente às realidades, expectativas e necessidades para a área.

Portanto a reativação irá consistir na proposta de diretrizes para a aproximação do lugar com a população limeirense, considerando a sua condição de *Terrain Vague*, a Ruína como espaço livre e o salvaguardo da estrutura restante. O projeto a ser realizado tem como objetivo proporcionar uma relação para além do desenho, ampliando sua atuação à necessidade de pensar na política e na sociedade, e como estão intrínsecas subjetivamente ao espaço construído (CRUZ, 2017).

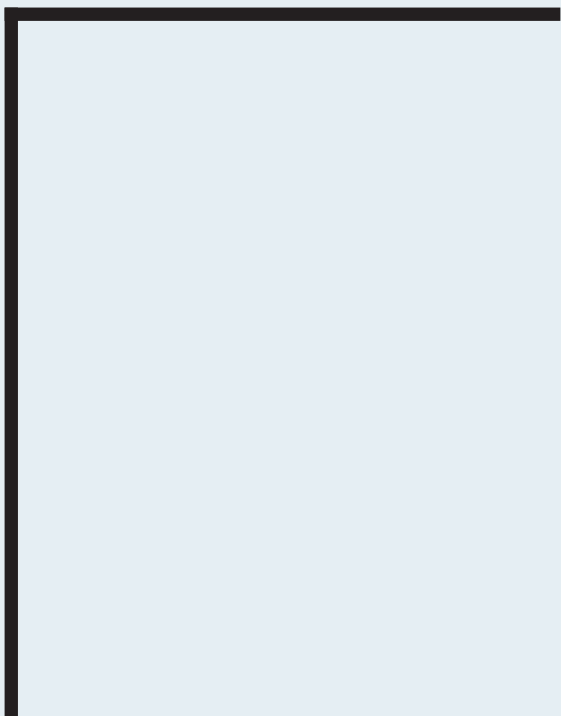
Ativar o lugar pela experiência do cidadão presente no Pico do Trem como norte para direcionar a intervenção para a experimentação, planejando os agentes já atuantes na ruína não seriam apenas expectadores de um projeto arquitetônico proposto, seriam protagonistas, suas marcas e suas escolhas são os primeiros esboços projetuais, como pensar mobiliários que possam ser modificados por essas pessoas de acordo com a necessidade do momento.

A reativação feita por uma intervenção urbana consideram aspectos

e questionamentos sobre o modo de relação entre o sujeito, o ambiente urbano e a própria produção artística assim, é definida pela autora como “uma ferramenta artística, seja ela realizada no campo das artes visuais, da dança, do teatro, da música ou em mais de um deles simultaneamente.” (CRUZ, 2017)

A experiência do mutirão realizado pelo grupo de *parkour* demonstra a efetividade do trabalho coletivo, e as intervenções podem continuar acontecendo, da mesma forma como realizaram. As redes sociais tiveram um papel importante na divulgação dos acontecimentos, convidando as pessoas para os dias de trabalho e treino, além de divulgar resultados desses encontros.

Entretanto a reativação pode se iniciar pelo trabalho coletivo, mas ainda há questões ligadas ao restauro da ruína, necessitando de intervenção da Prefeitura para garantir a salvaguarda da antiga indústria. A cobrança pela população, interessada na área por sua ativação, pode mostrar ao poder público o potencial sobre aquela área, pelos laços criados com a população,



4 . R e f e r ê n c i a s P r o j e t u a i s

VILA I TORORÓ

A Vila é um conjunto de prédios históricos construídos (imagens 28 e 29) ao longo do século XX, eles estão passando por um processo de restauro e, ao mesmo o canteiro de obras é usado pela comunidade. O motivo destacado no estudo desse projeto para a intervenção em questão foi seu processo criativo, de forma participativa pela comunidade, usando o espaço como “Centro Cultural Temporário”, o canteiro de obras pode ser adentrado pela população, como um experimento a nova funcionalidade do espaço. Essa decisão é importante para o processo de apropriação da comunidade, algo ausente na Machina São Paulo, por ser observado como o lugar é distante dos moradores.

A escolha dessa referência é pelo processo de intervenção para além do restauro do edifício, com o canteiro de obras ser usado para discutir com a população questões como o que ocorre durante o restauro, normalmente escondido por tapumes de obra, as etapas construtivas e o seu prazo, a definição de futuros usos, de onde virá os recursos e quem irá frequentar o lugar após a intervenção. Tratando-se de um patrimônio histórico da cidade de São Paulo, há um grupo multidisciplinar participando do processo junto ao público, transpondo do papel de observador para fazer parte do canteiro.

Sua construção coletiva funcionando como centro cultural temporário, é um experimento em escala real, com a intenção de reativar a Vila mesmo antes da finalização do restauro para que esse processo ocorra. É uma visão integrada entre o patrimônio material e imaterial, onde o presente é a interligação entre o passado e o futuro, não o rompimento dessa continuidade. Além do restauro, também há a atuação de coletivos, abordando a população por meio de oficinas e atividades, como exemplo o ConstrucLab, trabalhando a marcenaria para criar equipamentos básicos para o

centro cultural temporário.

Temos então a semelhança com o Pico do Trem sobre a atuação de coletivos, já ativa mesmo antes da intenção de restauro pela Prefeitura Municipal de Limeira, proprietária da área, os coletivos atraem pessoas para o lugar, e geram novas relações entre as pessoas, uma ruína degradada pode se tornar um meio de aprendizado e convívio entre as pessoas, considerando o resultado positivo da intervenção realizada pelo grupo do *parkour*.



Imagem 27 e 28

Vila Itororó

Fonte: Vila Itororó, canteiro aberto ⁹ 2015

Disponível em < <http://vilaitororo.org.br/quem-somos/> >

Acesso: 20 de dezembro de 2017



SESC POMPEIA

Clássico da arquitetura brasileira realizado por Lina Bo Bardi, se assemelha à Ruína industrial de Limeira pela proximidade de tempo do produto arquitetônico, são da mesma época, ocasionando mudanças na produção do espaço urbano e da vida cotidiana da população. As cidades possuem grandes diferenças, por estarmos tratando de uma cidade média, enquanto o Sesc Pompéia é localizado em São Paulo. Apesar das diferenças, sua complexidade de detalhamento realizado pela Lina, inclusive seu mobiliário, é um grande fomentador de ideias, além do trabalho da arquiteta em criar um espaço de convívio apropriado para a utilização da população local e do restante da cidade, considerando a história pré existente do edifício, um galpão industrial em desuso, assim como a Ruína Machina São Paulo esteve até o ano de 2011, antes do desabamento de grande parte da estrutura.

O projeto foi desenvolvido em nove anos (1977-1986), realizando-o por meio da atividade diária em meio ao canteiro de obras, Lina e sua equipe usaram a experimentação e desenvolvimento dos profissionais participantes, principalmente dos operários. Antes do início do projeto, o galpão já era usado pelo SESC para atividades culturais e

esportivas de forma improvisada, então a arquiteta transformou por meio do desenho arquitetônico o centro de lazer sem apagar a história vivida pelos galpões.

Lina Bo Bardi usava o termo Passado Histórico nos seus trabalhos ligados à intervenções de restauro, como uma forma crítica de atuar para a salvaguarda de edifícios em degradação, por ter vivido o tempo moderno da



Imagem 29
Sesc Pompéia
Fonte: ARQGRAFIA ⁹[s.d]

arquitetura, presenciou mudanças na cidade por conta desse movimento, mas não há a cisão do entre os tempos, o futuro e o passado, não rompendo o processo histórico (BIERRENBACH, 2007), a temporalidade é contínua, não uma sequência cronológica de acontecimentos.

Quando a intervenção, no projeto do SESC Pompeia, houve a preocupação com a linguagem arquitetônica reforçando a característica industrial, e a recuperação de vestígios deixados pela indústria que existia no galpão (FERRAZ, 2008).

No caso do Pico do Trem, o tempo pode ser percebido pelas intervenções posteriores, as marcas deixadas pelas paredes que ruíram e até mesmo algumas vigas baldrame delimitando o que antes era alguma sala da indústria. Sua característica de incompleta é um meio de pensar a intervenção de forma fluída, não tornando rígido o projeto se atentando apenas as pendências de hoje.

Imagem 30
Sesc Pompéia
Fonte: ARQGRAFIA ⁹ [s.d]

.....

⁹ Disponível em : <<http://www.arquigrafia.org.br/photos/809>> Acesso em 20 de

dezembro de 2017



KITCHEN MONUMENTAL

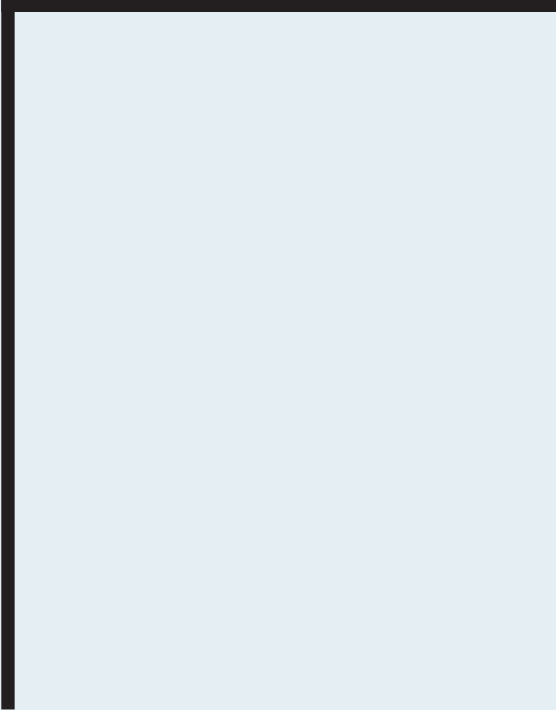
Usando referências do Coletivo Raumlabor, mencionado anteriormente, o projeto Kitchen Monument, do, trata-se de um ativador móvel, podendo ser transportado de um lugar a outro após proporcionar a sua reativação. É recinto para abrigar encontros motivados pela culinária, porém com uma forma e um uso diferente do convencional, a pessoa não está em um recinto de quatro paredes, a novidade estimula conversa entre as pessoas com atividades simples e prazerosas, ocupando terrenos baldios, estacionamentos e praças desertas.

É uma atribuição de um uso à um "recipiente vazio", sendo um recurso de reutilização adaptativa do patrimônio industrial, preservando a memória do conjunto com a satisfação de outras demandas sociais (imagens 32, 33 e 34). Em outras palavras, a maioria dos valores patrimoniais, como a Machina São Paulo, foram sacrificados para facilitar seus novos usos, tanto que as primeiras intervenções de reforma da ruína podem ter fragilizado-a, ocasionando a perda de grande parte das paredes.

O monumento é maleável, sua forma se adequa ao espaço onde será inserido, e seus usos são diversificados, podendo ser aplicado para sala de conferencia, cinema, arena de boxe e sala para concerto, sua flexibilidade torna-o adaptável a diversas situações.

Imagem 29, 30 e 31
Kitchen Monumental
Fonte: Raumlabor





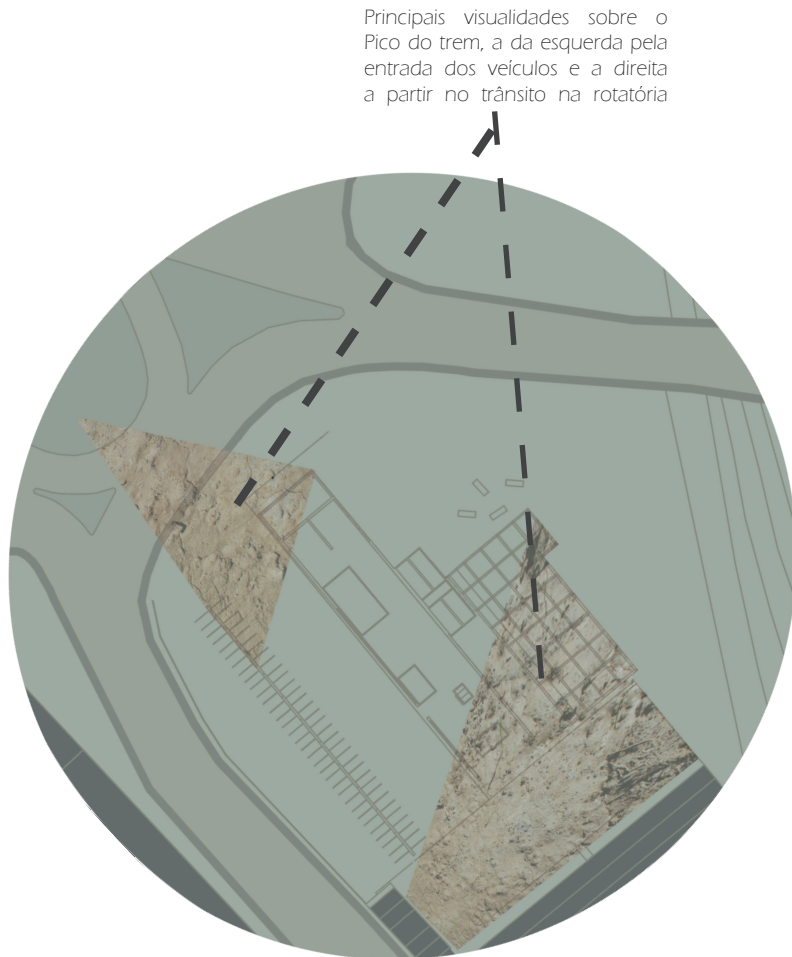
5 . E n s a i o s p r o j e t u a i s

Sobre a experiência

A partir da percepção do homem como um passageiro nas cidades, em constante mudança, usando o olhar indistinguível, avaliando as situações rotineiras da cultura contemporânea, desde a valorização, ou não, do objeto arquitetônico, às imagens banais, como o lixo, a publicidade, as marcas do caminhar entre outras marcas no espaço urbano (PEIXOTO, 2009). O objetivo é intervir na área para consolidação da estrutura da ruína, possibilitando a salvaguarda de seus detalhes construídos em uma época onde a paisagem urbana era vista de perto, mesmo sendo projetada em função da indústria com a presença de ornamentos em suas aberturas, enquanto hoje a velocidade do carro achata a imagem. Ao mesmo tempo, o projeto deve atingir as pessoas que participam do lugar, promover qualidade e permanência no Pico do Trem referente aos usos e intenções do próprio ambiente. A intervenção não pode ser apenas uma inserção de estrutura para garantir a preservação da ruína, mas inseri-la no contexto das sinergias fluentes no Pico do Trem, interligando seus usos, e respeitando as formas marcadas nele, por meio da reativação, valorizando a arquitetura histórica para promover sua conexão com o espaço aberto.

O desenvolvimento do projeto por meio de diagramas foi uma forma de síntese antecessora ao projeto, de forma rizomática, diferente do pensamento linear onde se analisa e depois cria, observando erros e acertos até chegar a um desenho conclusivo, onde se atinge a intenção de inserir quem está no espaço em estudo e se apropria do mesmo, o outro, na intervenção. Por mais que a prática projetual seja uma atuação impositiva, por definição, o arquiteto pensa e age, o passo anterior à sua realização (de análise e reconhecimento do lugar) é um meio de atingir e valorizar o outro. Os usos apontados anteriormente também mostram a dinâmica entre o físico construído, as pessoas e a sinergia, por isso a síntese será o princípio do projeto.

Durante as análises fenomenológicas foi observado como a ruína não é interligada com as sinergias do lugar, os usos imprevisíveis ocorrem distante dela, e sua imagem aparenta ser mais forte vista pela rua do que dentro da mesma. Pensar na sua estrutura de consolidação pode ser uma forma de criar esse vínculo entre as pessoas, inclusive com os motoristas ao estacionarem seus veículos ao seu lado, a intervenção pode direcionar os olhares à ela, e remeter a história já vivida pela antiga indústria (imagens 33 e 34).



Principais visuais sobre o Pico do trem, a da esquerda pela entrada dos veículos e a direita a partir no trânsito na rotatória

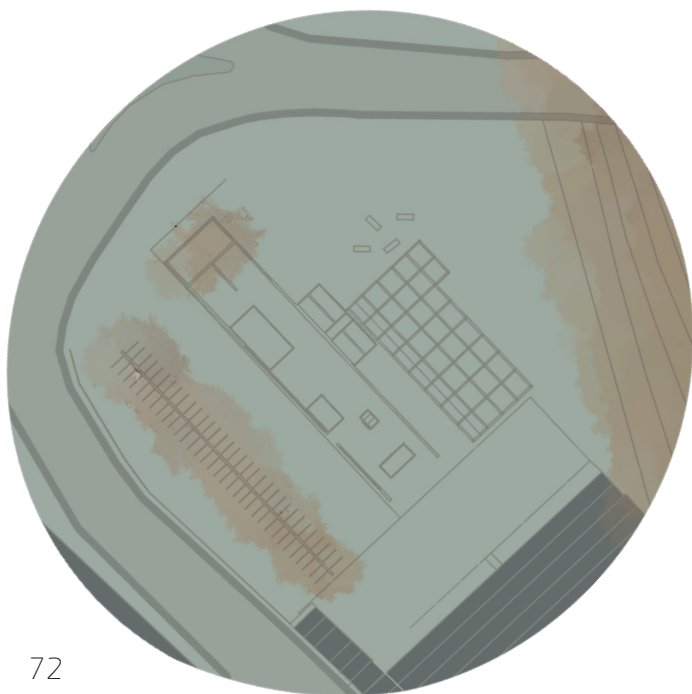


Imagem 33
Visualidades
Fonte: Prefeitura Municipal
de Limeira, modificado pela
autora



Imagem 34
Protagonistas históricos
Fonte: Prefeitura Municipal
de Limeira, modificado pela
autora

A sua característica de ruína será marcado pela intervenção, o lugar irá continuar como objeto incompleto, se permitindo a mudanças constantes no espaço livre e sem barreiras de controle, aberto dia e noite como está agora. Projetar para o inacabado e mutável pode ser expressado pela forma volátil da intervenção, sendo interativa e promovendo a atuação na criação do espaço pelos próprios visitantes. Com isso a proposta é realizar o primeiro estudo projetual de intervenção, para ser aprofundada a discussão no canteiro de obra, com ensaios e posicionamentos dos participantes ativos da ruína. Mesmo assim, o intuito não é preencher o Pico do Trem de intervenções, é apenas criar um objeto para a reativação e consolidar a ruína. A possibilidade de testar a efetividade da intervenção junto com as pessoas é uma forma de se aproximar das experiências pessoais vividas naquele espaço, fugindo do olhar dominante de intervenção, não é apenas desenhar e intervir, mas a participação coletiva como realizada pelo *Parkour* Limeira, dando continuação para as melhorias que o grupo já iniciou, promovendo a diversidade e acentuando a intolerância sem afetar negativamente essas intervenções pontuais, criando a possibilidade de usos improváveis.

As intervenções mais assíduas serão realizadas na estrutura de concreto, sua implantação forma áreas escuras e sem visibilidade, não há pessoas usando como abrigo, e o consumo de drogas está espalhado em outras áreas da cidade, porém a sensação de insegurança é presente, principalmente para as mulheres que desejam frequentar o Pico.

O diagrama (imagem 35) a seguir é a síntese das análises sobre as marcas do lugar, considerando os usos, intervenções e as suas pegadas, evoluindo posteriormente para um cartograma de ação, demarcando as primeiras ideias a serem trabalhadas no projeto (imagem 36). Questões mais problemáticas como a implantação de um banheiro público seria resultado do diálogo ao longo da concretização do projeto, podendo ser experimentado primeiramente com um banheiro provisório e depois analisando as condições de higiene e segurança. No momento o Pico do Trem encontra-se próximo ao terminal urbano onde há banheiros abertos na maior parte do dia.

Pensando na responsabilidade do projeto, foi dividido sobre o que está na possibilidade de se realizar coletivamente necessitando apenas do material, e quais intervenções necessitam do trabalho técnico por causa das soluções construtivas serem mais complexas e também pela necessidade de conseguir verba para ser executado, da mesma forma que o coletivo atuou para a aquisição da tubulação de concreto (imagem 37). A realização delas poderia variar de acordo com as condições possíveis da Prefeitura apoiar os participantes, mas é preciso ressaltar a urgência em preservar o paredão da ruína preste a desabar.

Imagem 35
Diagrama síntese
Fonte: Prefeitura Municipal
de Limeira, modificado pela
autora

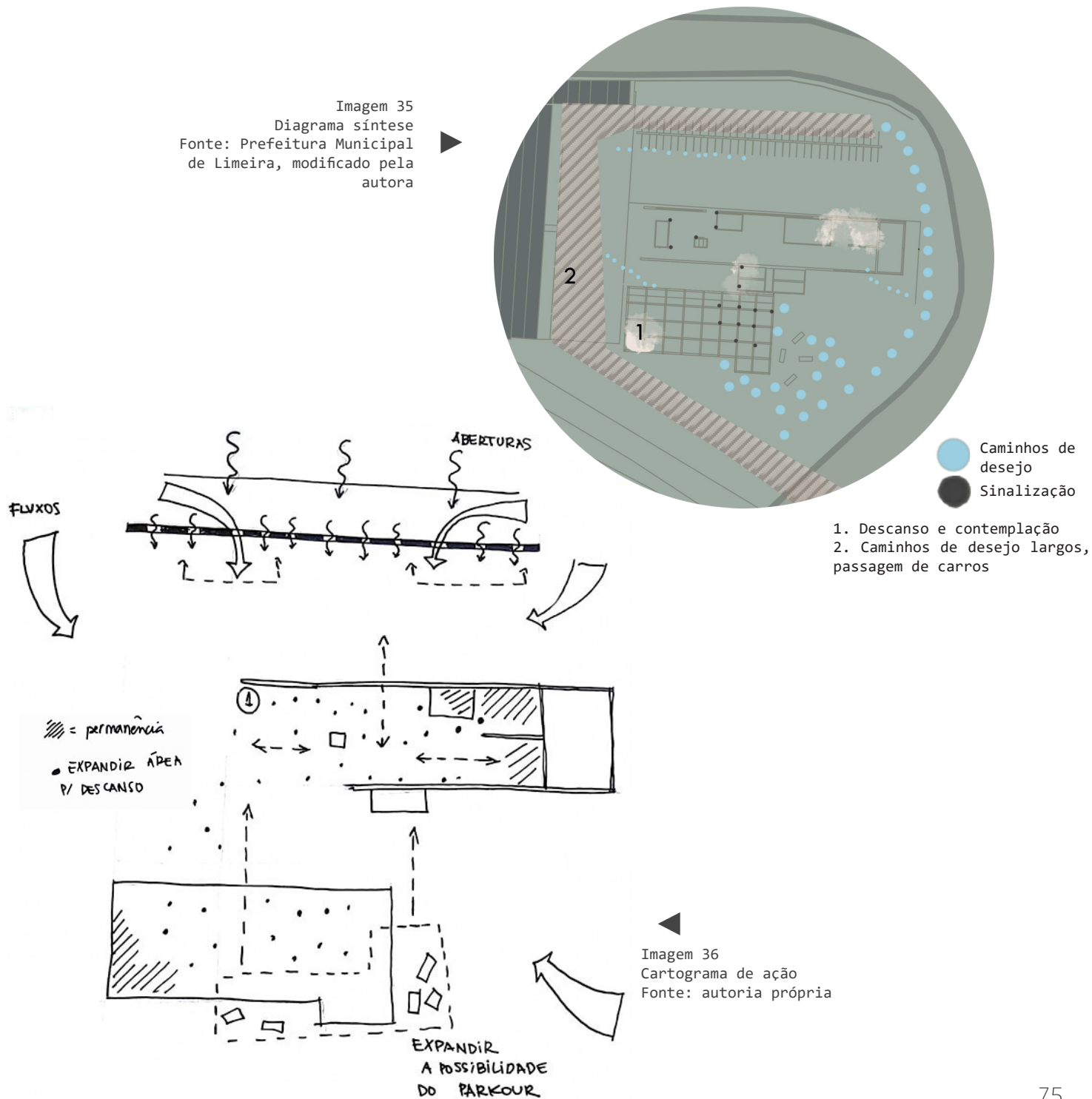
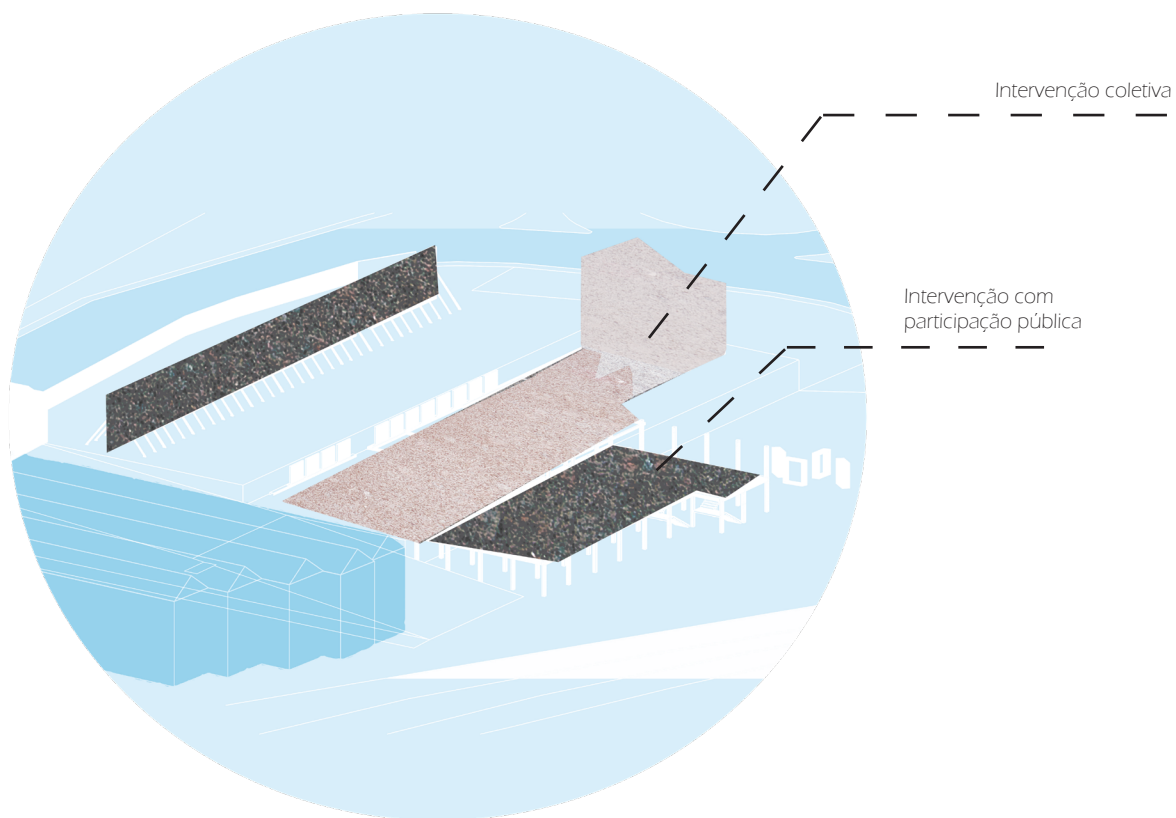


Imagem 36
Cartograma de ação
Fonte: autoria própria

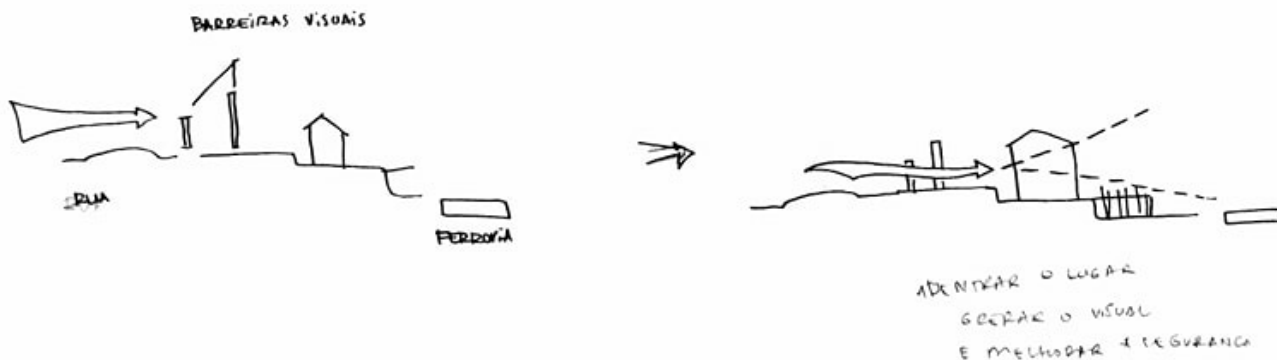
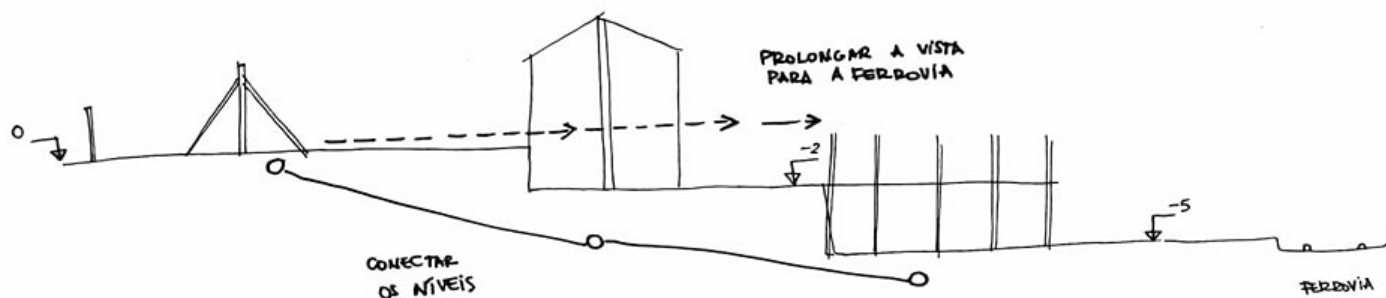


▲ Imagem 37
Diferença de intervenções
Fonte: autoria própria

Intervenção coletiva

- Para esse tipo de reativação, além de todos
- os levantamentos e experiências, tanto como
- pesquisador quanto pelos relatos do coletivo,
- a ausência de investimentos em áreas públicas
- degradadas, a intervenção seria mais eficaz com a
- utilização de uma técnica construtiva com menor
- custo possível, fácil de ser montada e desmontada
- evitando a necessidade de mão de obra especializada,
- realizando-a por mutirões assim como o da limpeza,
- proporcionando novas combinações de acordo com
- as necessidades dos visitantes. A busca pela
- simplicidade das formas e técnica pode estimular
- os usos já existente pela criatividade de intervir
- no Pico do Trem.

- Partindo da visualidade proporcionada por seu
- relevo, foi pensado na articulação de mobiliários
- que permitissem a ampliação do lugar como mirante,
- uso reconhecido durante as derivas, as pessoas
- passam o tempo viradas para a ferrovia, marca
- do tempo onde se iniciou a formação urbana de
- Limeira (imagem 38). Ampliar o nível mais alto
- do Pico do Trem resultaria em uma nova visão da
- parte inferior, menos acessada até então, podendo
- observar também as práticas do *parkour* nas bordas
- da estrutura de concreto.



▲ Imagem 38
Cortes esquemáticos
Fonte: autoria própria

A construção poderia ser realizada da mesma forma que foi feita a limpeza do Pico do Trem, a divulgação por meio das redes sociais poderia convidar as pessoas para o canteiro de obras, participando desde o processo de apresentação do projeto desenvolvido, promovendo a discussão sobre a intervenção pensada dentro das disciplinas da arquitetura com a vivência dos agentes sociais, assim como Lina desenvolveu o projeto do SESC Pompeia ao longo dos nove anos de execução do projeto.

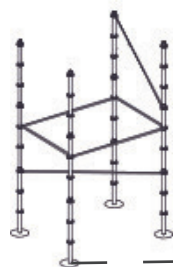
Pensando na praticidade, foi escolhido trabalhar a intervenção coletiva com a implantação de andaimes, por serem estruturas fáceis de trabalhar, não necessitam de equipamentos rebuscados para a montagem, portanto ficaria a disposição para a mudança dependendo da ocasião.

Assim como a estrutura de concreto já existente, as bases para os andaimes estariam dispostas em forma de grelha, podendo ser completada ou não nas sapatas fixas dispostas em retângulos de 2,40x1,80cm. Essa grelha também permite o diálogo com as vigas baldrame existentes, podendo ser usadas para a delimitação de nichos ou a presença do vazio, podendo observar a dimensão de uma estrutura que já constituiu uma sala da indústria.

O andaime é a estrutura, e o mobiliário (imagem 39) depende dela, são módulos serem encaixados, assim como as passarelas usadas nos andaimes faixeiros, colocados na altura desejada, podendo ser combinado criar outras espacialidades além do descansar, sentar, e praticar o *parkour*.

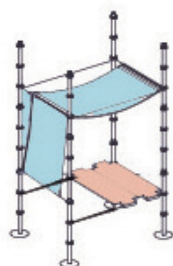
Mesmo sugerindo os usos do mobiliário criado a partir do andaime, sua praticidade permite um uso livre. A implantação (imagem 39) conecta a o nível superior com a estrutura de concreto, dando continuidade às vistas superiores do Pico do Trem. A grelha pode atravessar o nível de implantação até chegar no “quadrado” no intuito de ser explorado pelo parkour em decorrência de suas texturas e irregularidade das aberturas, existem portas e janelas de diferentes tamanho.

Como seu uso não é estritamente definido, foram ensaiados em diagramas algumas possibilidades vistas nas cidades e em intervenções desse tipo, como o cinema, a música, e até mesmo a possibilidade de criar um ambiente mais recluso, podendo oferecer oficinas ou promover eventos ligados à cultura e a arte urbana.

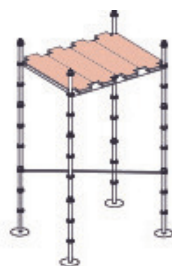


Travamentos em
três posições
diferentes

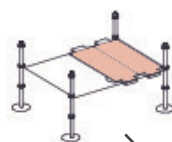
Sapatas fixas,
definidas em
projeto, onde
se encaixa o
andaime



tecidos para
se acomodar ou
proteger da
sombra



Plataforma
elevada, para
criar caminhos
e obstáculos
para o parkour



Bancos ou
passarelas
mais estreitas

▲ Imagem 39
Mobiliários
Fonte: autoria própria

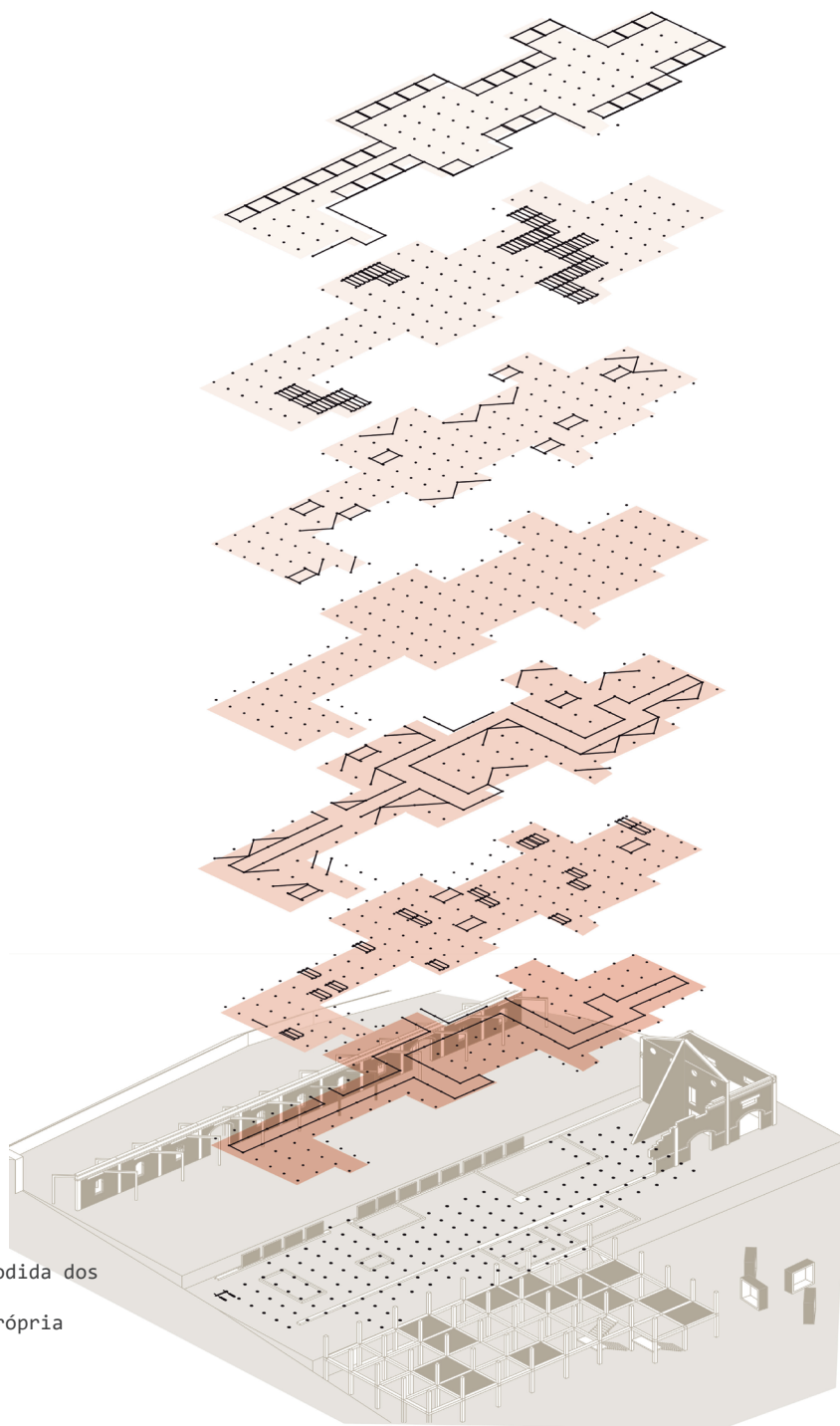


Imagem 40
Perspectiva explodida dos
andaimes
Fonte: autoria própria

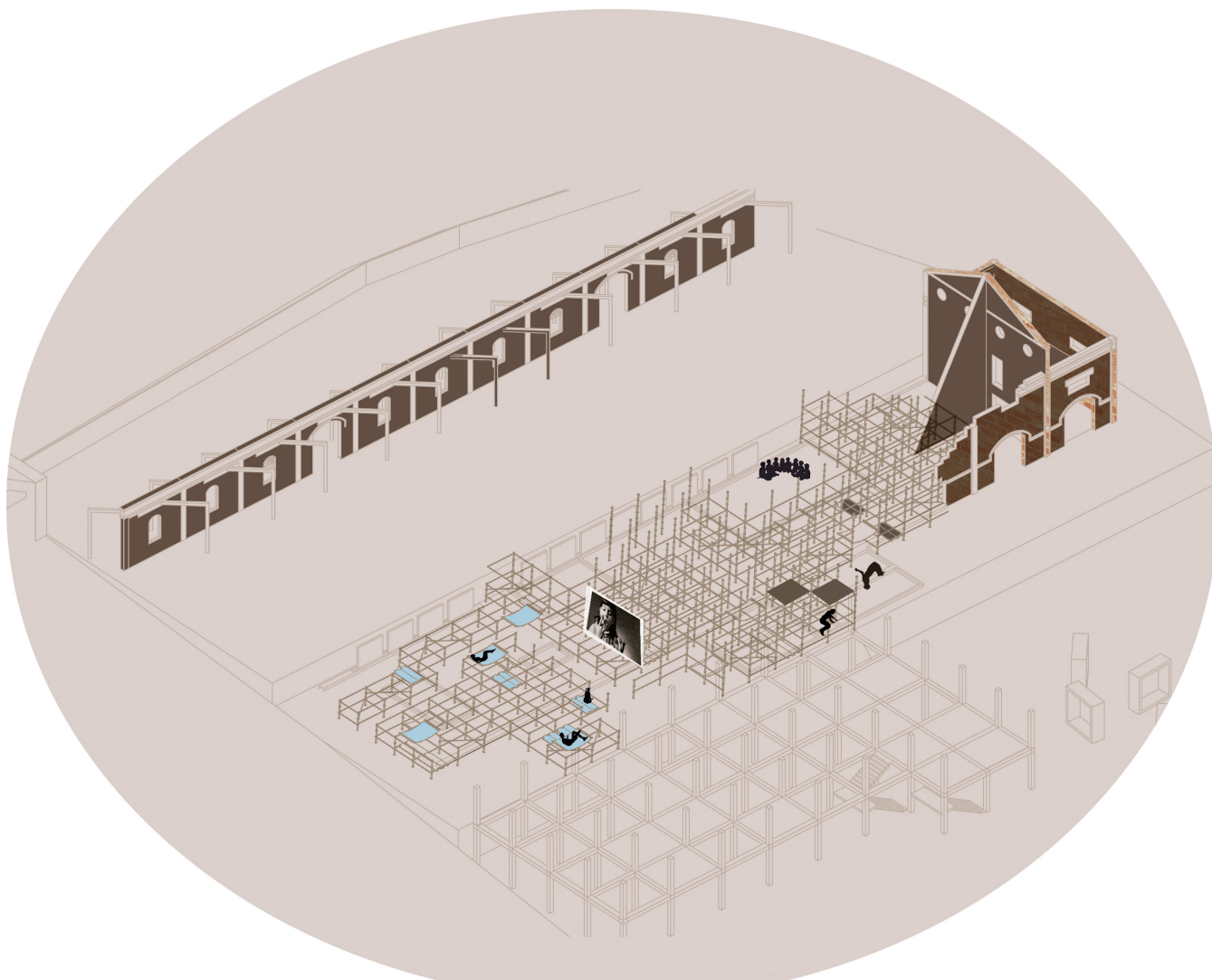


Imagem 41
Exemplificação de usos
Fonte: autoria própria

A reativação por meio do trabalho coletivo apresentado anteriormente é o primeiro passo de intervenção na ruína, a sua adesão e participação dos limeirenses seria um ato crítico perante à uma área abandonada, com um bem histórico preste a ser perdido. Entretanto, a ideia de despertar o interesse e a curiosidade por meio do mobiliário não garante a salvaguarda da ruína, mas demonstra a ligação entre a população e a cidade, mesmo que frequentada majoritariamente por jovens, o processo de trabalho coletivo e a participação do projeto proporcionaria o reconhecimento sobre a indústria e, conseqüentemente, sua edificação que “assistiu” o crescimento da cidade de Limeira.

Como a segunda etapa depende do interesse público em realizá-lo, serão propostas algumas diretrizes e esboços projetuais refletidas ao longo desse trabalho, buscando a melhoria das condições de segurança e conforto no Pico do Trem e aos seus frequentadores.

A intenção de trabalhar com esse Terrain Vague se inciou pelo conhecimento da ruína em estado emergencial de intervenção, no início da pesquisa o abandono não era apenas material, ocorrendo também pelo distanciamento entre as pessoas e a antiga indústria, o trabalho realizado pelos jovens do *Parkou* Limeira proporcionaram uma nova energia para o Pico do Trem, as medidas simples implementadas em conjunto garantiram a prática do esporte de interesse deles, aumentando o fluxo de pessoas em diversos horários. O fator limitante dessa questão é a ausência de iluminação, como seu terreno é em declive, a própria ruína esconde o lugar do letreiro do mercado e dos postes de luz urbana. A necessidade de iluminação pode ser um potencial para a ruína protagonizara paisagem

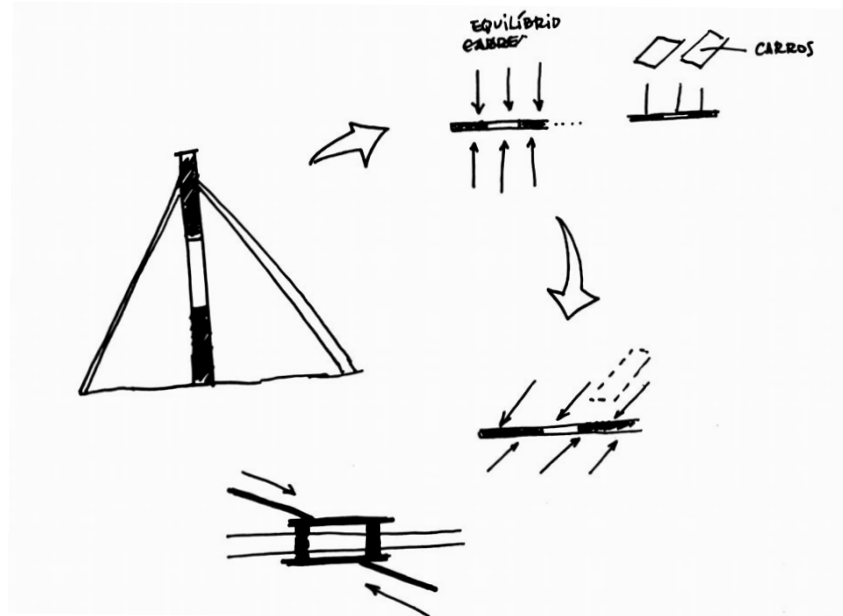
noturna da cidade, as áreas voltadas para o lote são rebocadas e parte pintadas de branco, aumento a reflexão dos spots voltados para a mesma, como se as paredes acendessem para o espaço livre comunitário.

A ruína se mantém pela instalação da estrutura provisória de madeira, desgastada pelo tempo e muito próxima do local de estacionamento. Uma colisão poderia prejudicar o que ainda resta da antiga indústria. Pensando nas forças atuantes em seu equilíbrio, o croqui a seguir apresenta o desenvolvimento da forma proposta, alterando o material para vigas de aço em perfil I, presas a ruína por uma chapa de aço parafusada de um lado ao outro.

A proposta é abranger os usos efetivos do lugar, portanto o escoramento da ruína foi pensado para melhorar a circulação, principalmente em horários de entrada e saída dos funcionários, adaptando a necessidade ao uso pelos veículos. Não é a principal área de atividades, o parkour e o descanso estão na área central da ruína. De qualquer forma, o estacionamento tem fluxo elevado apenas em horário comercial, e não conflitua com as pessoas.

O croqui a seguir (imagem 43) demonstra resumidamente a definição da forma estrutural, balanceando as cargas e angulada de modo a permitir estacionar entre a mesma.

Imagem 43
Croquis para estrutura de
consolidação da ruína
Fonte: autoria própria



Por ultimo, a laje de concreto construída em uma das intervenções propostas pela Prefeitura, é usada apenas em suas extremidades para a prática do *parkour* e para observar a paisagem da linha do trem, porém sua estrutura rígida e sem abertura eleva a sensação de insegurança, principalmente durante o anoitecer. O lugar escuro e sem ventilação não tinha nenhum atrativo na sua parte inferior, sua abertura promoveria a ampliação do espaço a ser experimentado, a altura é compatível com a prática do esporte.

A proposta é criar aberturas entre as vigas, aumentando a visibilidade de sua parte inferior. Para não continuar uma estrutura rígida, porém aberta, foi pensado na implantação de trilhos perpendiculares às vigas para deslizar painéis *wall*, onde mais uma vez o visitante terá a liberdade de intervir no Pico do Trem. Posicionado entre os pilares, permite a circulação em apenas uma direção, conforme a imagem 44.

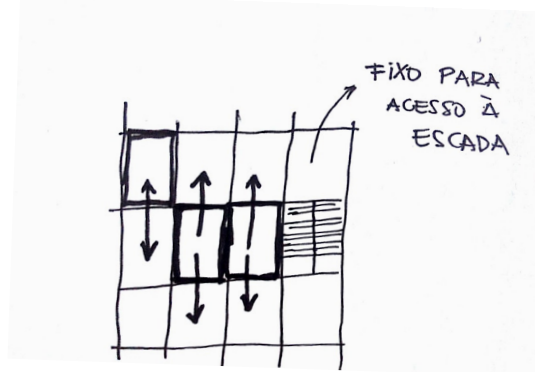
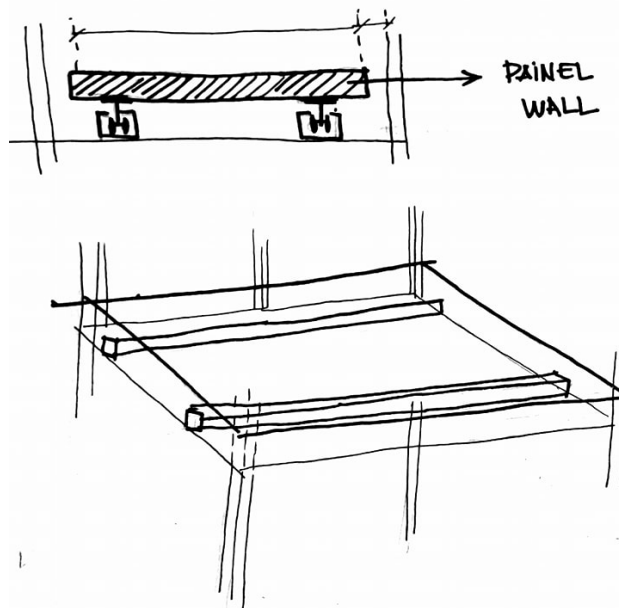
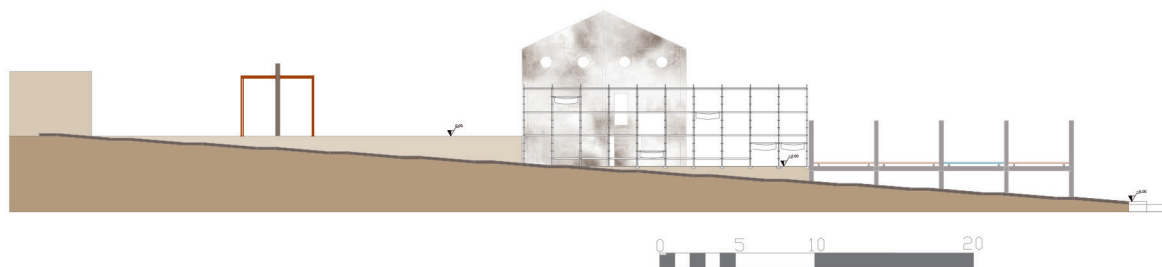
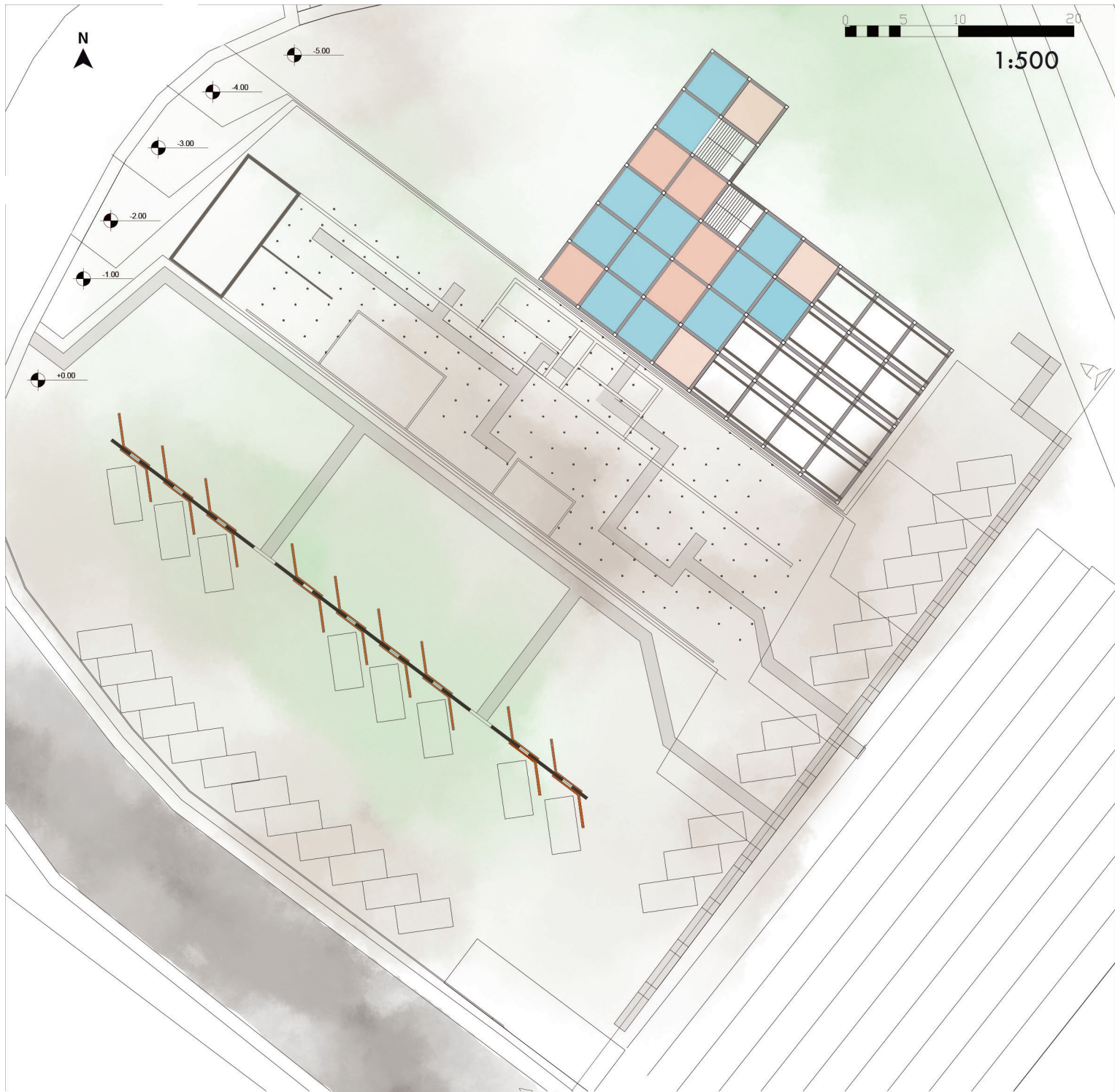
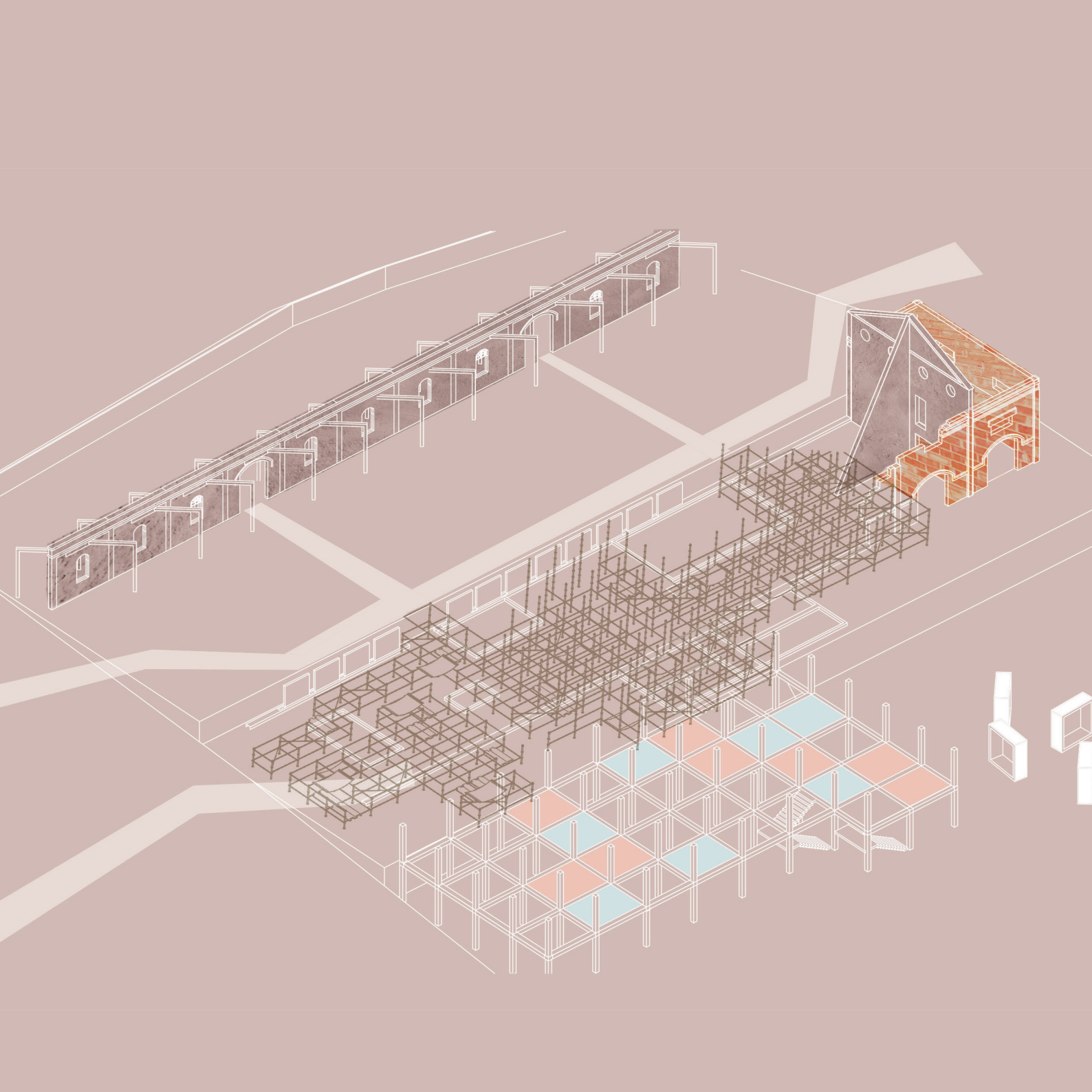


Imagem 44
Croquis de intervenção com painéis *wall*
Fonte: autoria própria

Unindo as ideias apresentadas, o resultado do exercício projetual é demonstrado nas seguintes imagens. O trabalho se iniciou pela ruína e a sua história, mas os textos e discussões realizadas ao longo do ano de 2017 direcionaram o resultado final em entender quais são os interesses das pessoas que usam a ruína. As intervenções representadas graficamente não são um protudo final, mas faz parte do início do diálogo entre uma estudante de arquitetura com pessoas críticas, interessadas em apropriar os vazios urbanos, questionando os porquês do abandono com propostas simples realizadas coletivamente. anteriormente.







Conclusões

O trabalho com a percepção desde o início do trabalho promoveu um estudo palpável da situação da Ruína escolhida para a realização de projeto, refletindo sobre as escalas das análises realizadas, por sua vez, usando a proximidade com o lugar para entender sua sinergia para além do previsto em mapas. A experimentação por meio das derivas proporcionou entender o restauro para além da salvaguarda do edifício, sua história não é constituída apenas sobre o passado e rompida com a intervenção que garanta seu futuro, há pessoas e sinais principalmente nas áreas degradadas da cidade.

Em meio ao estudo foi possível observar a realização de intervenções urbanas pela atuação por meio de trabalhos coletivos na cidade, modificando os questionamentos levantados dentro da universidade na prática, espontaneamente. Foi possível observar a ruína não apenas como a história da cidade, mas o seu potencial em proporcionar novas dinâmicas de convívio mesmo antes de um projeto arquitetônico. A cidade é mutável, assim como o homem contemporâneo, as relações não rígidas, e o uso impositivo da arquitetura pode corroer a dinâmica já instaurada em um espaço livre considerado degradado.

A proposta apresentada correspondeu além das expectativas do início da realização do trabalho final de graduação, por não ter sido apenas a resolução de problemas físicos sobre o lote e ter questionado sobre os reflexos do desenho arquitetônico na identidade da cidade. Assim como nós usamos o lápis como ferramenta de mudança, as pessoas na cidade deixam suas marcas na cidade, despretensiosamente por suas pegadas ou tendo uma postura crítica sobre o papel do espaço urbano.

Referências Bibliográficas

ALOISE , Julia Miranda . **O RESTAURO NA ATUALIDADE E A ATUALIDADE DOS RESTAURADORES** . [S.l.: s.n.], 2015. 22 p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigos_do_patrimonio_O_restauro_na_atualidade_e_a_atualidade_dos_restauradores_JuliaMiranda.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2017.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração** [Teoria del Restauro]. Tradução de KÜHL, Beatriz Mugayar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BUESC, MIRCEA. **Século XIX: O ciclo do café**. In: BUESCU, MIRCEA. HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL. [S.l.: s.n.], 2011. p. 96-135. Disponível em: <http://cdpb.org.br/mircea_buescu.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2017.

BUSCH, Reynaldo Kuntz. **História de Limeira**. Limeira, SP. Edição da Prefeitura Municipal de Limeira, Serviço de Educação e Cultura, 1967, 3º Volume.
78 79

DOIN, José Evaldo de Mello et al. **A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930)**. São Paulo: Rev. Bras. Hist. Vol.27 No.53 Jan./June 2007, 2009. 16 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100005>. Acesso em: 08 set. 2015.

IBGE CIDADES. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/3526902>>
Acesso em 14/02/2017

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização**. Problemas teóricos de restauro / Beatriz Mugayar Kühl. - Cotia - SP; Ateliê Editorial, 2008. p. 205242

KOOLHAAS, R. **La ciudad genérica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011

MACIEL, Ana Paula; GARCIA, Fernanda Ghirotto; MAGALHÃES, Ma Angélica M. Q. **Presente Histórico: o antigo e o novo na obra de Lina Bo Bardi**. [S.l.: s.n.], 2009. 16 p. Disponível em: <http://www.docomomobahia.org/linabobardi_50/1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2017.

MANFREDINI, Eduardo Alberto. **A cidade em movimento: dinâmica sócio-espacial em Limeira**, SP. Curitiba - PR: Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 2009. 16 p. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/urbe?dd99=pdf&dd1=3412>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

MONTANER, Josep Maria; **Do diagrama às experiências**, rumo a uma arquitetura de ação, , Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2017.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **“O Fenômeno do lugar”**. In: NESBITT, Kate (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. **A Geometria do Sentimento: Um Olhar Sobre a Fenomenologia da Arquitetura (1986)** em Uma nova agenda para arquitetura. Organização Kate Nesbitt, São Paulo: Cosac Naify, 2006

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: SENAC Editora, 2009.

RAUMLABOR Berlin. Disponível em <<http://raumlabor.net/kuchenmonument/>>

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Os anos 80 no Brasil**: aspectos políticos e econômicos; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/os-anos-80-no-brasil-aspectos-politicos-economicos.htm>>. Acesso em 27 de julho de 2017.

SOLA-MORALES , Ignasi ; **Terrain Vague**, em Territórios, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2002 Kraus, Rosalind, The originality of Avant-Garde and Other Modernist Myths, MIT Press 1985